



**BB ASSET
MANAGEMENT**

**Busque mais para
os seus investimentos**

BBGO11



Relatório Gerencial
BB Fundo de Investimento de Crédito FIAGRO Imobiliário

Março - 2025

INFORMAÇÕES GERAIS

O BB FIAGRO é um fundo de investimento que investe em ativos como CRA, LCA, CRI e Debêntures, desde que todos estejam vinculados ao Agronegócio. Os rendimentos do fundo são isentos de imposto de renda.

O fundo tem como objetivo superar o CDI através do investimento em uma carteira de crédito privado de alta qualidade, contando com a expertise do Banco do Brasil no setor de agronegócios. A isenção de imposto de renda torna o produto ainda mais atraente em uma indústria que representa cerca de um terço de todas as exportações do Brasil.

Ticker	Patrimônio Líquido	Nº de Cotistas	Quantidade de Cotas
BBSGO11	R\$369.438.989,60	11.871	4.005.164
CNPJ	Data de Início	Taxa de Administração	Taxa de Performance
42.592.257/0001-20	17/dez/21	0,85% a.a.	10% sobre excesso CDI+1% a.a.
Administrador e Gestor	Consultor	Custodiante	Auditor
BB Asset Management	Banco do Brasil SA	Banco do Brasil	KPMG

Resultados – Março/2025

Rendimento por cota	Dividend Yield	Nº de Negócios	Volume Negociado
R\$0,85	1,2%	6.488	R\$6.795.877,51
	Receitas	Despesas	
	R\$6.055.332,88	-R\$349.345,08	

COMENTÁRIO DO GESTOR

O setor agropecuário brasileiro apresenta um crescimento robusto em 2025, registrando exportações recordes e expansão de mercados, embora enfrente desafios tanto externos quanto internos. Segundo a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), o PIB do agronegócio deve crescer entre 5% e 7,4%, com uma receita estimada em R\$1,43 trilhão. As exportações alcançaram US\$11 bilhões em janeiro, registrando o segundo maior valor histórico, impulsionadas principalmente por café, celulose e carnes.

A safra de grãos foi projetada em 322 milhões de toneladas, com a soja representando 166 milhões de toneladas. A guerra comercial entre os Estados Unidos e a China tem beneficiado setores-chave do agronegócio brasileiro, ao passo que também introduz desafios e riscos. As exportações de carne bovina para a China cresceram 30% no primeiro trimestre de 2025, enquanto a soja brasileira está substituindo a norte-americana devido ao aumento das tarifas comerciais. Há uma alta demanda por terras e investimentos em tecnologia para aumentar a produtividade. No entanto, a pressão sobre os preços da soja pode elevar os custos de ração e alimentos. Além disso, as tarifas retaliatórias geram incertezas nos preços futuros das commodities, o que representa um risco adicional para o setor.

Em março, a Belagrícola recomprou todo o CRA021002SU, representando cerca de 1,2% do PL. Também adquirimos o CRA0250012Y, com lastro em CPR-F, do devedor FS BIO, no valor de aproximadamente R\$10 milhões (2,68% PL). Esta emissão tem aval da FS Indústria de Etanol S/A e covenants de Dívida Líquida/Ebitda da devedora e avalista menores ou iguais a 3x.

REMUNERAÇÃO DOS CRAS

Considerando as taxas de remuneração dos ativos na carteira do BBGO11, os CRAs e FIDCs são atrelados ao IPCA, CDI e Prefixado. Dessa forma, a remuneração considerando as taxas médias de aquisição e taxas de mercado se dividem conforme gráfico abaixo:

Ativo	% Alocado (% do PL)	Taxa Média Compra	Taxa Média a Mercado	Duration (anos)
IPCA +	33,76%	6,82%	10,07%	1,96
CDI +	48,42%	2,98%	2,91%	1,70
% CDI	8,53%	105,95%	102,51%	3,21
Prefixado	0,88%	11,96%	14,29%	5,38
Operação Compromissada	8,41%	100%CDI (-) IR	100%CDI (-) IR	

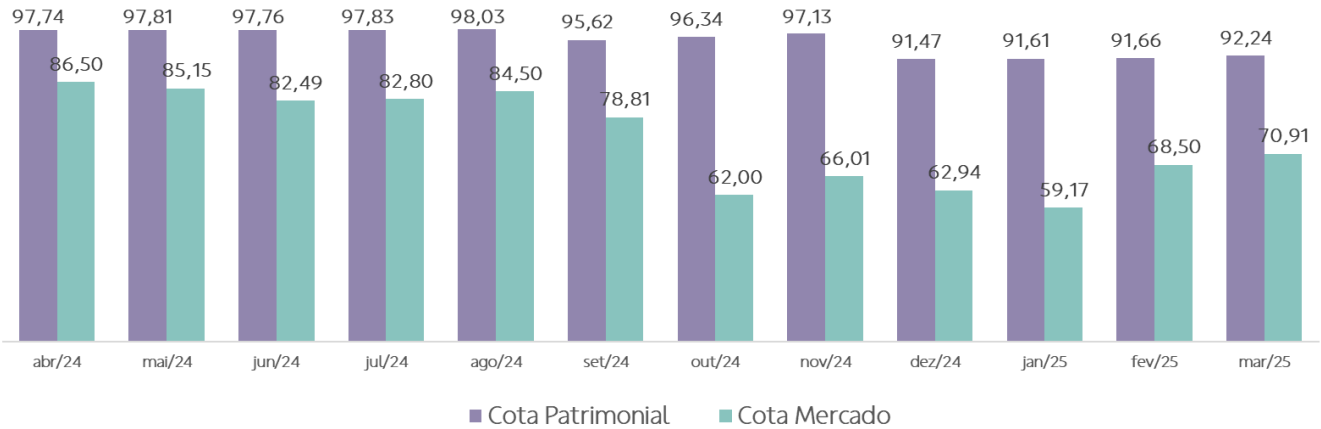
COMPOSIÇÃO DA CARTEIRA

Data Compra	Vencimento	Qtde	Financeiro	%	Índice	Taxa Compra	Taxa Mercado	Código CETIP
VALE DO TIJUCO								
05/11/2024	16/10/2034	12.000	R\$ 12.653.076,57	3,39%	CDI	1,60%	1,49%	CRA0240099E
ELDORADO								
18/01/2023	15/09/2027	7.163	R\$ 8.524.455,63	2,28%	IPCA	6,90%	9,10%	CRA021002YB
22/03/2022	15/09/2027	4.000	R\$ 4.760.271,19	1,28%	IPCA	6,62%	9,10%	CRA021002YB
20/09/2023	15/09/2027	5.025	R\$ 5.980.090,68	1,60%	IPCA	7,09%	9,10%	CRA021002YB
CEREAL								
14/11/2024	16/11/2029	10.000	R\$ 10.431.691,97	2,80%	CDI	1,10%	1,24%	CRA02400AHV
GDM GENÉTICA								
16/03/2022	21/12/2026	2.400	R\$ 1.258.213,73	0,34%	CDI	1,40%	1,09%	CRA021001KA
18/03/2022	21/12/2026	3.300	R\$ 1.730.043,88	0,46%	CDI	1,50%	1,09%	CRA021001KA
COCARI								
24/03/2022	17/12/2026	10.000	R\$ 5.029.192,35	1,35%	CDI	5,35%	5,34%	CRA021005KX
FS BIO								
30/03/2022	18/02/2026	5.000	R\$ 2.495.442,34	0,67%	CDI	1,50%	3,61%	CRA022001E1
28/04/2023	15/10/2029	2.000	R\$ 1.979.796,89	0,53%	CDI	2,90%	3,43%	CRA0230079S
26/03/2025	17/03/2031	10.000	R\$ 10.019.292,63	2,68%	CDI	3,00%	3,00%	CRA0250012Y
FIAGRIL								
29/03/2022	24/12/2025	1.397	R\$ 1.179.212,22	0,32%	CDI	4,50%	4,50%	CRA021005LZ
29/03/2022	23/12/2026	499	R\$ 648.373,62	0,17%	CDI	5,00%	4,52%	CRA021005M0
11/01/2023	11/08/2027	5.000	R\$ 1.042.131,83	0,28%	CDI	4,50%	8,63%	CRA022007KF
DORI								
08/04/2022	15/04/2027	20.000	R\$ 22.568.772,44	6,05%	IPCA	6,20%	11,14%	CRA022003E9
NEOMILLE								
18/04/2022	17/04/2029	20.000	R\$ 21.405.690,65	5,74%	IPCA	6,23%	9,47%	CRA021005W1
RODOIL								
29/04/2022	09/03/2027	14.300	R\$ 14.432.406,91	3,87%	CDI	3,00%	2,80%	CRA022002XP
NARDINI								
16/05/2022	17/04/2028	20.000	R\$ 22.250.319,82	5,96%	IPCA	7,47%	10,10%	CRA022004H5
C VALE								
17/05/2022	15/04/2027	10.000	R\$ 11.379.437,44	3,05%	IPCA	7,18%	10,07%	CRA022003PD
BEM BRASIL								
25/05/2022	15/05/2029	7.163	R\$ 7.820.252,64	2,10%	IPCA	6,53%	8,75%	CRA022003JT
USINA CERRADÃO								
03/06/2022	15/05/2028	15.000	R\$ 16.255.744,76	4,36%	IPCA	6,99%	10,77%	CRA022004XY
CARAMURU								
18/07/2022	16/07/2029	2.000	R\$ 2.075.358,86	0,56%	IPCA	7,20%	12,11%	CRA022006BU
EXPOCACER								
15/07/2022	29/05/2026	2.700	R\$ 1.897.192,10	0,51%	CDI	4,50%	4,55%	CRA02200798
FUTURA AGRO								
19/07/2022	16/06/2025	7.000	R\$ 1.877.291,06	0,50%	CDI	5,00%	4,55%	CRA022006N6
CORURIFE								
28/07/2022	09/07/2027	20.000	R\$ 8.763.638,28	2,35%	CDI	1,50%	1,66%	CRA022007VI
23/01/2025	25/11/2030	496	R\$ 3.043.884,78	0,82%	CDI	4,95%	4,95%	CRA02400ECT
UBYFOL								
20/09/2022	17/07/2028	3.000	R\$ 2.906.659,95	0,78%	IPCA	8,83%	10,51%	CRA02200817

Data Compra	Vencimento	Qtde	Financeiro	%	Índice	Taxa Compra	Taxa Mercado	Código CETIP
ALCOESTE								
29/09/2022	20/09/2027	3.000	R\$ 3.013.927,61	0,81%	CDI	3,50%	3,50%	CRA022008YD
14/11/2023	20/09/2027	2.000	R\$ 2.009.285,08	0,54%	CDI	3,85%	3,50%	CRA022008YD
FAZENDÃO								
30/09/2022	15/09/2025	5.000	R\$ 5.010.136,05	1,34%	CDI	2,00%	2,74%	CRA022009Q7
06/01/2023	15/09/2025	5.000	R\$ 5.010.136,05	1,34%	CDI	2,30%	2,74%	CRA022009Q7
13/02/2023	15/09/2025	4.972	R\$ 4.982.079,29	1,34%	CDI	2,30%	2,74%	CRA022009Q7
CRESOL								
28/10/2022	15/12/2027	5.974	R\$ 3.177.960,06	0,85%	CDI	2,95%	1,54%	CRA0220099D
GIRASSOL								
04/11/2022	19/10/2026	10.000	R\$ 10.640.566,05	2,85%	CDI	2,40%	2,26%	CRA02200AHU
COOPERTRADIÇÃO								
22/12/2022	15/06/2026	6.000	R\$ 3.626.554,36	0,97%	CDI	3,00%	2,82%	CRA02200D4E
VICUNHA								
13/02/2023	16/08/2027	1.000	R\$ 1.026.548,62	0,28%	CDI	2,10%	1,56%	CRA022008C2
OLFAR								
04/04/2023	15/03/2029	3.000	R\$ 3.080.607,84	0,83%	CDI	3,00%	1,96%	CRA023003JX
COAGRIL								
04/05/2023	27/12/2027	2.000	R\$ 1.317.280,47	0,35%	CDI	4,70%	4,58%	CRA023006SH
SIERENTZ								
05/05/2023	13/03/2030	4.000	R\$ 2.879.812,98	0,77%	CDI	3,80%	3,80%	CRA023004BL
01/11/2023	13/03/2030	4.000	R\$ 2.879.812,98	0,77%	CDI	3,80%	3,80%	CRA023004BL
14/11/2023	13/03/2030	2.233	R\$ 1.607.655,60	0,43%	CDI	3,67%	3,80%	CRA023004BL
02/02/2024	13/03/2030	10.000	R\$ 7.199.532,45	1,93%	CDI	3,75%	3,80%	CRA023004BL
ALIANÇA AGRÍCOLA								
12/07/2023	15/05/2028	9.700	R\$ 9.863.708,60	2,64%	CDI	5,00%	4,23%	CRA02300CI2
BTG PACTUAL								
31/08/2023	15/09/2033	3.640	R\$ 3.267.546,26	0,88%	PRE	11,96%	14,29%	CRA02300HWK
MINERVA								
04/12/2024	16/11/2029	5.000	R\$ 5.242.826,85	1,40%	%CDI	105,00%	102,91%	CRA02400AYL
CAPAL								
01/12/2023	17/05/2029	1.667	R\$ 1.675.489,07	0,45%	CDI	3,50%	1,98%	CRA02300Q8I
09/04/2024	17/05/2029	3.333	R\$ 3.349.973,04	0,90%	CDI	3,50%	1,98%	CRA02300Q8I
LAVORO								
22/12/2023	22/12/2027	9.000	R\$ 9.028.957,56	2,42%	CDI	3,00%	3,00%	CRA02300TBL
USINA SANTA FÉ								
28/03/2024	17/12/2029	669	R\$ 693.435,19	0,19%	CDI	4,00%	2,47%	CRA024002MM
PRIME AGRO								
28/06/2024	19/06/2030	5.000	R\$ 5.026.362,07	1,35%	CDI	3,50%	3,50%	CRA024006N5
CAMIL								
19/06/2024	15/06/2029	10.913	R\$ 11.367.754,65	3,05%	%CDI	109,00%	102,43%	CRA0240066A
19/09/2024	15/06/2029	14.620	R\$ 15.229.228,72	4,08%	%CDI	104,00%	102,43%	CRA0240066A
UPPERDOG								
19/11/2024	20/11/2029	5.000	R\$ 5.024.501,55	1,35%	CDI	2,30%	2,30%	CRA02400AHU
INTEGRADA COOPERATIVA								
20/02/2025	15/05/2029	4.000	R\$ 4.059.661,21	1,09%	CDI	2,20%	2,35%	CRA025000MJ
FIDC URAAGRO								
12/06/2024		5.898	R\$ 5.951.391,26	1,59%	CDI	4,75%	4,75%	4571424S11

Evolução da cota patrimonial x cota de mercado

No mês de março, a carteira do BBGO11 observou 83,06% em Certificados de Recebíveis Agrícolas (CRA) e, neste sentido, um aumento da liquidez para 16,94% da carteira em liquidez (operações compromissadas e caixa). Os ativos atrelados ao IPCA somavam 33,76% dos CRAs, ao CDI 56,95% e prefixados 0,88%, diversificados em 40 diferentes emissores.

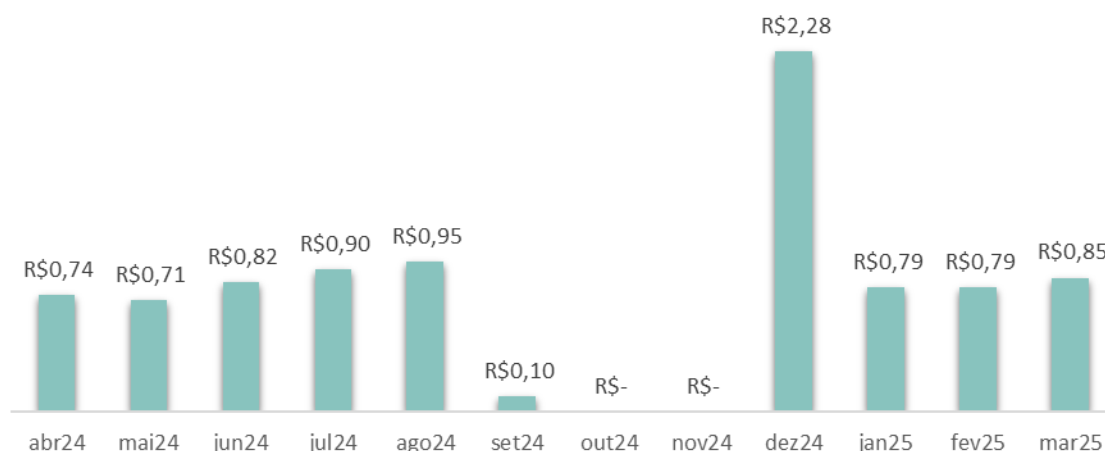


Demonstrativo de Resultado

DRE (R\$ Milhões)	out2024	nov2024	dez2024	jan2025	fev2025	mar2025
Receitas	3,12	3,05	-3,87	3,91	3,73	6,06
Rendimento CRA	3,92	3,30	3,93	4,21	4,17	4,21
MTM CRA	-1,22	-0,32	-1,32	-0,70	-1,26	-0,45
Outras Receitas	0,41	0,32	-6,49	0,40	0,82	2,29
Despesas	-0,40	-0,33	-0,34	-0,36	-0,34	-0,35
Taxa de Administração	-0,22	-0,18	-0,19	-0,14	-0,18	-0,17
Outras Despesas	-0,18	-0,15	-0,15	-0,22	-0,17	-0,18
Resultado Líquido	2,72	2,72	-4,21	3,55	3,39	5,71
Distribuição	0,00	0,00	9,13	3,16	3,16	3,40
Resultado por cota (R\$)	0,68	0,68	-1,05	0,89	0,85	1,42
Distribuição por cota (R\$)	0,00	0,00	2,28	0,79	0,79	0,85

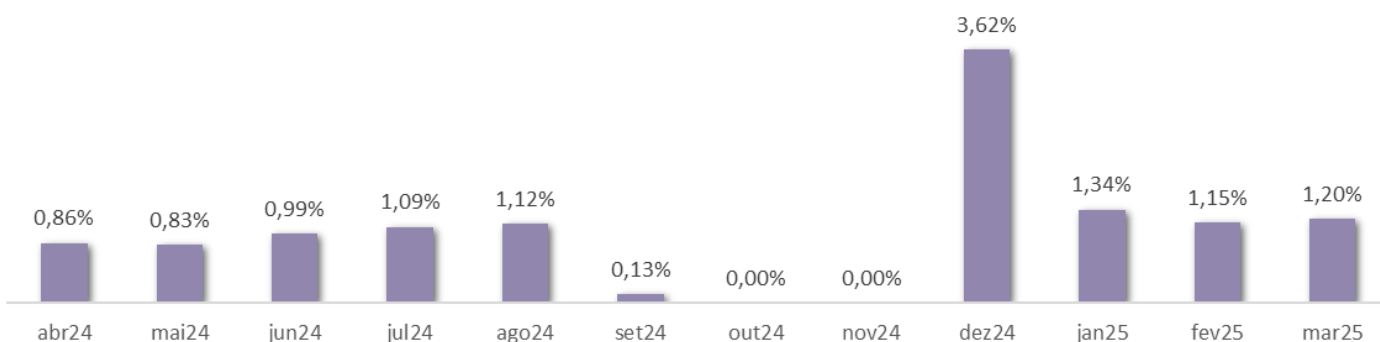
Rendimentos Mensais

Dividendos (mensal)



Em março, a variação da cota de mercado diminuiu o descasamento do valor de mercado do fundo em relação à cota patrimonial, com margem de atratividade de 30,08% para negociação do Fundo no mercado secundário. O dividend yield do Fundo foi de 1,2%, equivalente a uma rentabilidade bruta de 147,06% do CDI, que rendeu 0,96%..

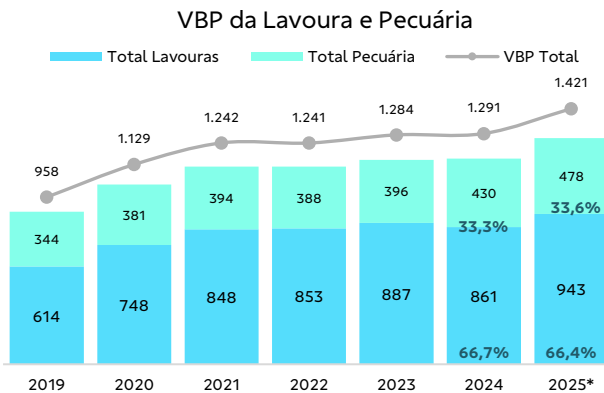
Dividend Yield da Carteira (mensal)



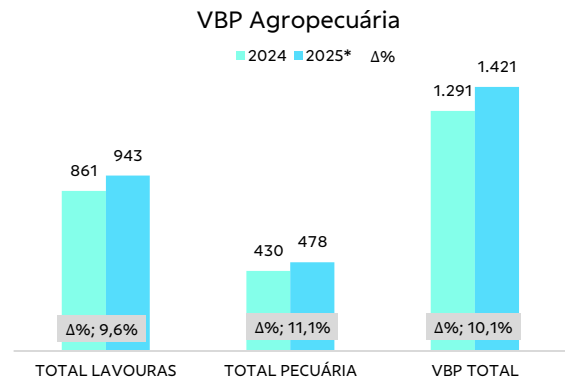
Comentário do Consultor de Análise de Crédito

Valor Bruto da Produção

A estimativa de Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP) para 2025 sinaliza avanço no faturamento das atividades produtivas no campo, atingindo R\$ 1,421 trilhão no ano, equivalente a incremento de 10,1% frente ao observado em 2024, de acordo com análise da Secretaria de Política Agrícola do Ministério da Agricultura e Pecuária, em valores deflacionados pelo IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas – FGV, de fevereiro/25. Destaca-se que o bom desempenho esperado vem tanto da atividade pecuária como das lavouras.



* Previsão - valores reais - deflacionados pelo IGP-DI de Fev/25
 Fonte Preços: Cepea/Esalq/USP, CONAB e FGV/FGVDados
 Fonte: Min. Agricultura
 Elab.: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito



* Previsão - valores reais - deflacionados pelo IGP-DI de jan/25
 Fonte Preços: Cepea/Esalq/USP, CONAB e FGV/FGVDados
 Fonte: Min. Agricultura
 Elab.: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

De maneira geral, o aumento no Valor Bruto de Produção (VBP) segue sob influência do clima mais ameno, comparativamente ao ciclo anterior, que beneficia as safras agrícolas, inclusive com recorde previsto na safra de grãos, e a produção pecuária.

No caso das lavouras, além da melhora do clima favorecer a produção das culturas, os preços também impulsionam o faturamento no período, com *commodities* como café e laranja apresentando cotações excessivamente valorizadas, enquanto outras representativas, como milho, apresentam importante recuperação. No entanto, há que se considerar que sobretaxações estadunidense aos produtos do agronegócio no Brasil ou em outros grandes países produtores podem provocar flutuações em preços ao longo do ano.

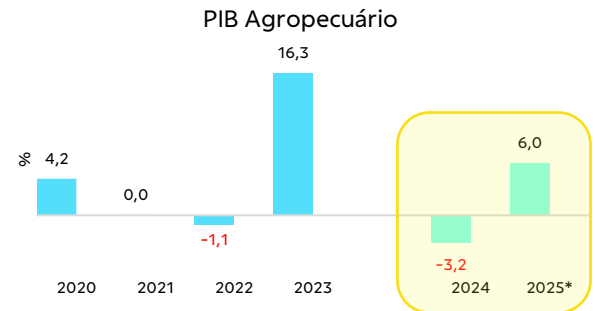
No caso da pecuária, os preços permanecem valorizados, ainda que alguns movimentos de baixa tenham sido observados em meses recentes nos mercados de bovinos e suínos. Destaca-se, ainda, que o ritmo de produção e preços refletem as demandas interna e externa aquecidas. No caso dos bovinos, há que se considerar, no entanto, que é esperada a oferta mais restrita de animais para abate ao longo do ano em decorrência da mudança do ciclo da pecuária que limita a produção mas estimula preços no setor.

A produção leiteira, por sua vez, segue com indicativo de incremento no VBP para 2025, em um ambiente com estímulo pelo lado da demanda, especialmente pela melhor condição da renda, porém com oferta interna mais restrita. Algumas bacias leiteiras, principalmente na região Sul do país, mais especificamente no Rio Grande do Sul que é o principal estado produtor de leite, sinalizam para redução da captação, em virtude de uma fase de maior estiagem que afeta algumas regiões produtoras, podendo refletir em preços mais elevados ao longo do ano, além de provocar incremento no volume de importações para atender à demanda interna. Além disso, é esperado que o movimento de alta dos preços ganhe força nos próximos meses, com a entressafra se aproximando para o Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

PIB Agropecuário

Após um ano de retração da produção agropecuária, impactada por condições climáticas desfavoráveis da safra 2023/24, o PIB agropecuário fechou 2024 com queda de -3,2%.

Para a safra 2024/25, por sua vez, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) espera uma produção recorde de grãos no país, em linha com o clima mais ameno até então observado, o que dá sustentação para estimar crescimento de 6,0% no PIB agro de 2025.



*Projeção: Cenário BB Assessoramento Econômico em 04.04.2025

Fonte: IBGE

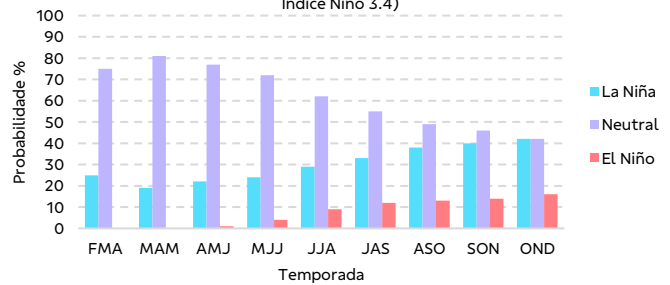
Elab.: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Aspectos Climáticos

Na região do Oceano Pacífico Equatorial, onde as condições desencadeiam o fenômeno La Niña, as temperaturas da superfície tem se aproximado da média, indicando transição de La Niña fraca para um estado neutro. De acordo com a previsão mais recente do *National Oceanic and Atmospheric Administration* (NOAA), o estado de neutralidade deve se estender até o último trimestre do ano.

Probabilidade de Evento ENOS - Março de 2025

(Condição ENOS neutro: entre -0.5°C e 0.5°C - limitação longitudinal Índice Niño 3.4)



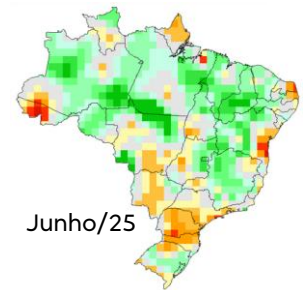
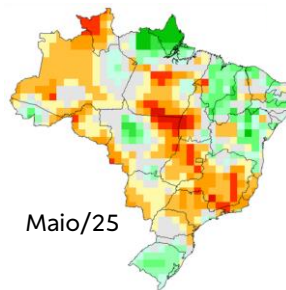
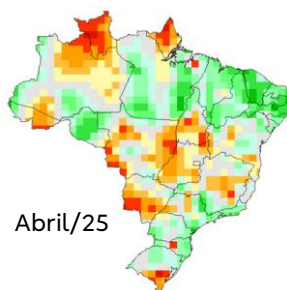
Fonte: National Oceanic and Atmospheric Administration - NOAA

Elab.: Dicre

Precipitação

Para os próximos meses, as previsões do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) indicam intensidades menores de chuva em várias regiões brasileiras, em linha com o início de período mais seco do ano (entre abril-maio), especialmente nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. Além da estiagem mais acentuada, ondas de calor mais intensas poderão ainda ser sentidas, como efeito dos fenômenos climáticos que afetaram o clima mundial nos últimos dois anos (El Niño e La Niña). No entanto, é possível observar o retorno, ainda que mais brando, de chuvas acima da normalidade em boa parte do Brasil, em junho. Tal retorno se torna possível em decorrência do período de neutralidade climática que caracteriza o ano de 2025.

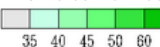
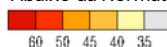
Probabilidade de Precipitação Total (mm)



Probabilidade % da Categoria mais Provável, desconsiderando a Normal

Abaixo da Normal

Acima da Normal



Fonte: INMET

Elab.: Banco do Brasil / Dicre

Destaques – Produção de Grãos

De acordo com o 6º Levantamento da Safra de Grãos 2024/25, de março de 2025, publicado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), as melhores condições climáticas da temporada 2024/25 vêm beneficiando as lavouras, com previsão de acréscimo de 10,3% no volume de produção, frente ao período anterior (2023/24). Permanece o indicativo da instituição de ser a maior safra de grãos da história.

As culturas de verão de primeira safra já estão em fase de colheita com destaque para as lavouras de soja, milho e arroz. O cultivo permanece estimado em 81,6 milhões de hectares, o que representa incremento de 2,1% de área em relação à safra anterior.

Já a produtividade continua sinalizando recuperação em 8,0%, frente à temporada passada.

Soja

A colheita da safra 2024/25 de soja está avançando e segue adiantada em quase todas as regiões produtoras, à exceção do Mato Grosso do Sul, onde as chuvas abaixo da média tem afetado o desenvolvimento dos grãos. Até 29 de março, a Conab apontava volume colhido equivalente a 67,2% da área plantada.

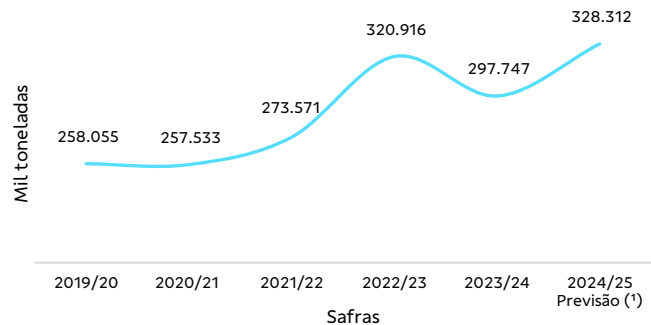
Revisão da produtividade no 6º Levantamento de Safra indica incremento de 10,2% frente à temporada anterior, atingindo 4.023 kg/ha, que, aliado ao aumento de área plantada, projeta produção recorde de 167,4 milhões de toneladas.

Em que pese a melhora do clima e seus efeitos positivos sobre a safra, perdas pontuais não são descartadas em razão de riscos climáticos ainda presentes, como estiagens pontuais em regiões produtoras do Sul e Centro-Oeste. No entanto, não há indicativo de reversão da previsão de safra recorde na temporada 2024/25.

A cultura da soja continua estimulada pela demanda externa aquecida e pelo consumo interno da indústria voltado para as produções do farelo utilizado como ração animal, óleo de soja para o consumo humano e para a produção de biodiesel.

Vale ressaltar que o processamento da soja deverá sofrer incremento de 3,8% devido à maior disponibilidade do grão na atual temporada, perfazendo 57,5 milhões de toneladas de soja beneficiada para a produção de óleo (de cozinha e biodiesel) e farelo (para ração animal).

Produção Brasileira de Grãos

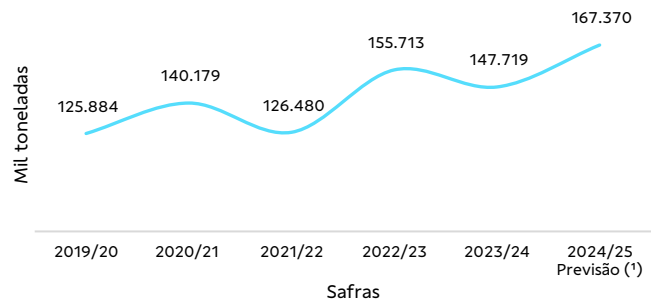


(1) Projeção.

Fonte: Conab - 6º Levantamento da Safra de Grãos 2024/25 - mar/2025

Elab.: Dicre

Produção Brasileira de Soja



(1) Projeção.

Fonte: Conab - 6º Levantamento da Safra de Grãos 2024/25 - mar/2025

Elaboração: Dicre

Variações % de Produção

Soja	2023/24	2024/25*
Produção (mil ton.)	-5,1%	+13,3%
Produtividade (kg/ha)	-8,8%	+10,2%
Área (ha)	+4,0%	+2,8%

*Previsão

Fonte: Conab - Projeção de Safra 2024/25.

Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

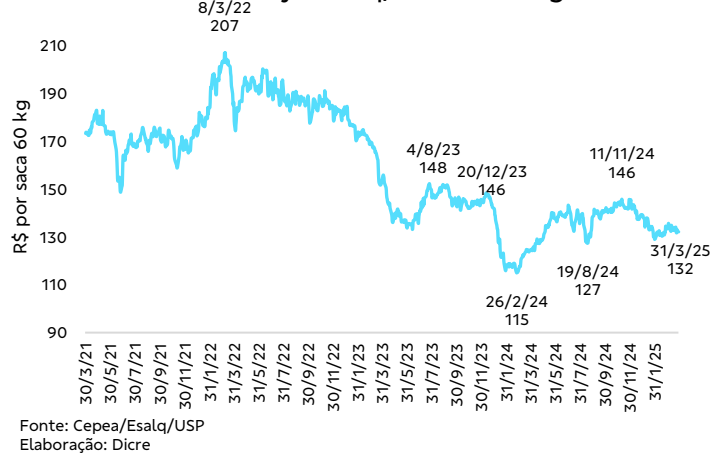
Preços e Custos – Os custos das lavouras, apesar de certo alívio em relação às últimas safras, devem continuar pressionados ao longo de 2025, destacando-se aqueles referentes à aquisição de insumos, como os fertilizantes. Nesse sentido, vale destacar fatores como câmbio depreciado, gargalos logísticos internos e externos, e, principalmente, restrições de oferta de algumas fórmulas, notadamente fosfatados e nitrogenados, em um contexto de demanda global crescente.

Em termos de preços, após trajetória de recuperação parcial observada ao longo de 2024, houve certo recuo nos últimos meses diante do quadro climático mais estável e a consequente expectativa de produção que vem se desenhando.

Destaca-se também o grande volume colhido nos EUA que entrou no mercado no último trimestre de 2024 e a previsão de recuperação gradual da produção da Argentina, ainda sob efeito de certa estiagem e temperaturas mais elevadas. Por outro lado, a adoção de políticas protecionistas pelo governo dos EUA contra a China e outros mercados já tem afetado a dinâmica de compras de soja brasileira pela China, com reflexos em preços sendo sentidos no mês de março.

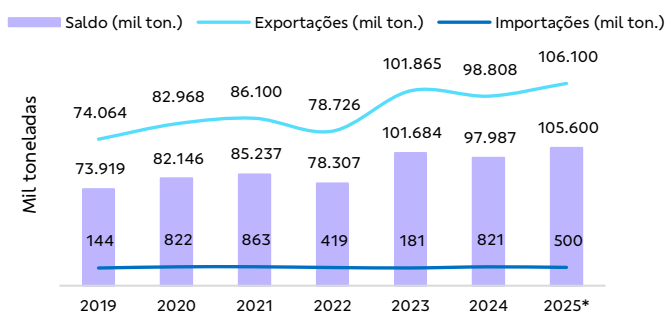
A tendência de curto prazo é de os preços devem seguir apresentando certa estabilidade, ainda que com possibilidades de ganhos pontuais. Para o médio e longo prazo, a definição do direcionamento do mix de produção nos EUA em termos de soja e milho, assim como as condições climáticas naquele país e os desdobramentos das políticas tarifárias devem trazer mais clareza sobre a possibilidade de recuperação de preços.

Indicador Soja Esalq/B3 - Paranaguá



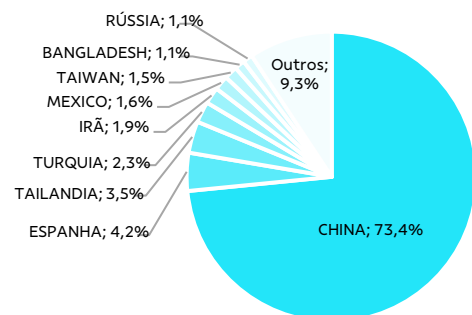
Balança Comercial - Soja em Grãos

Acumulado/Ano



Export. de Soja em Grãos

Acumulado/Ano - 2024



Mercado Externo – O Brasil lidera as remessas globais de soja em grãos, com a China mantendo a posição de maior destino da commodity do país. Prospectivamente, recuperação da produção e demanda externa seguindo aquecida, além da possibilidade de incremento nas compras chinesas como retaliação aos EUA em razão da adoção de políticas protecionistas, devem beneficiar as vendas externas brasileiras. A Abiove prevê incremento ao redor de 7,4% para as exportações de soja em grãos no ano de 2025, em linha com o previsto pelo *United States Department of Agriculture* – USDA (incremento de 6,8%). Recentemente, já se observa incremento da demanda chinesa pela soja brasileira, refletindo preocupação dos compradores do país asiático quanto a desdobramentos da política tarifária no mercado chinês.

Para a indústria de derivados da soja, a Abiove reviu as projeções iniciais de retração das exportações de farelo de 1,03%, apontadas em janeiro, para expansão de 2,0% para ao ano de 2025, mesmo que o consumo interno siga aquecido e com potencial de crescimento. Para o óleo, dada a demanda interna crescente do uso alimentício e para a produção de biodiesel, as remessas para o exterior devem seguir em ritmo intenso de queda, com indicativo de retração de 19,5%. O consumo interno de óleo de soja deve superar o ano de 2024, em torno de 5,3% no ano.

Em relação aos efeitos dos atuais conflitos geopolíticos em andamento, não são esperados impactos severos à cadeia produtiva, uma vez que as exportações para os países das regiões envolvidas não são expressivas, à exceção das remessas de farelo ao Irã (9,2% das exportações brasileiras em 2024).

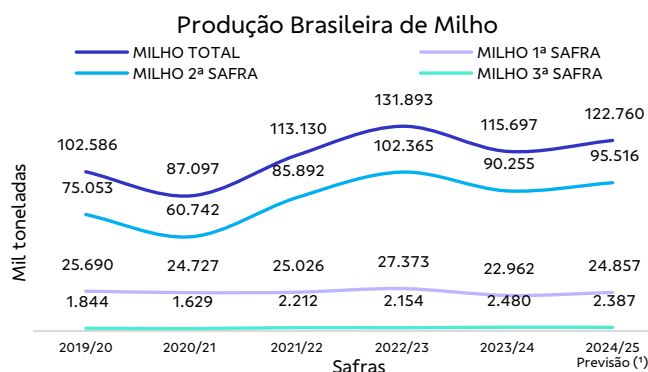
Milho

Conforme o 6º Levantamento da Safra de Grãos da Conab, a estimativa para a produção de milho na safra 2024/25 foi atualizada no último mês para 122,8 milhões de toneladas, acréscimo de 7,07 milhões de toneladas em relação ao ciclo anterior, correspondente a 6,1% de crescimento.

A primeira safra, atualmente em fase adiantada de colheita com 53,3% da área colhida até 29 de março, teve o plantio favorecido pelas precipitações ocorridas nos meses de outubro a dezembro de 2024, ainda que com irregulares em algumas regiões, permitindo a consolidação das lavouras com incremento na produtividade em 14,7% e 8,3% na produção. Destaca-se que, apesar da maior produtividade e produção na primeira safra de milho, houve redução de área plantada (5,6% inferior ao ciclo passado), diante da maior atratividade de outras culturas como soja e arroz, especialmente no estado do Rio Grande do Sul, principal produtor de milho de primeira safra.

A segunda safra, a "safrinha", segue para a conclusão da semeadura, tendo superado 90% da área destinada à produção em março. Apesar de atrasos pontuais no plantio nos estados produtores do Paraná, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, devido ao ritmo mais lento da colheita de soja nesses estados, as condições para o plantio da 2ª safra seguem em normalidade, com a Conab estimando incremento de 1,9% na área plantada, rendimento 3,9% superior ao da safrinha anterior e, consequentemente, aumento de 5,8% na produção.

No total, a produção de milho, somada as três safras, deverá alcançar 122,7 milhões/ton na temporada, com a produtividade favorecida pelas condições climáticas mais estáveis que devem se manter durante o período de desenvolvimento do cereal.



Variações % de Produção

Milho 3 Safras	2023/24	2024/25*
Produção total (mil ton.)	-12,3%	+6,1%
Produtividade (kg/ha)	-7,2%	+5,6%
Área (ha)	-5,5%	+0,4%

*Previsão

Fonte: Conab – Projeção de Safra 2024/25.

Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

(1) Projeção.

Fonte: Conab – 6º Levantamento da Safra de Grãos 2024/25 – mar/2024

Elaboração: Dicre

Preços e Custos – Desde o 2º semestre de 2024, as cotações do milho iniciaram trajetória de alta, diante de um quadro de baixos estoques existentes, demanda interna aquecida e preocupações em relação ao desempenho das lavouras na primeira safra, notadamente a de milho no Rio Grande do Sul e a de soja em estados produtores de milho safrinha, tendo em vista que o atraso no plantio da soja poderia comprometer a janela de plantio do milho de safrinha.

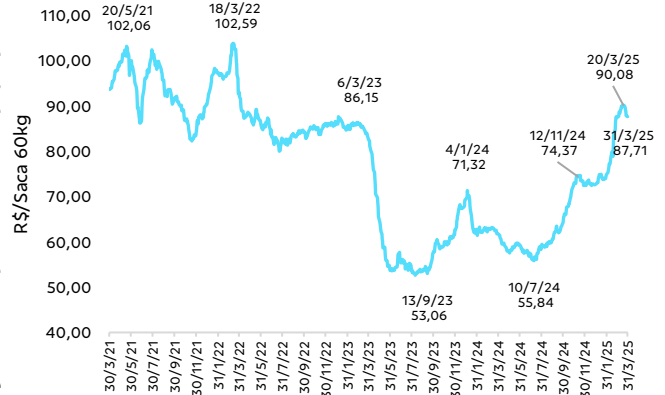
No entanto, mesmo com o clima se mostrando mais ameno, assegurando bom desempenho das culturas na primeira safra e boas expectativas para a safra brasileira de milho, as cotações seguem em alta, diante da demanda interna que permanece aquecida para atender as indústrias por farelo para ração animal, biocombustíveis e alimentos.

Destaque ainda para as incertezas associadas à adoção de medidas comerciais recíprocas entre EUA e China, com potencial para afetar a dinâmica de compras do país asiático, a capacidade de recomposição dos estoques globais da commodity e os preços à frente, que devem seguir sustentados, embora a maior clareza acerca da definição do direcionamento do mix de produção nos EUA em termos de soja e milho, assim como as condições climáticas naquele país são vetores importantes para o futuro da cotação.

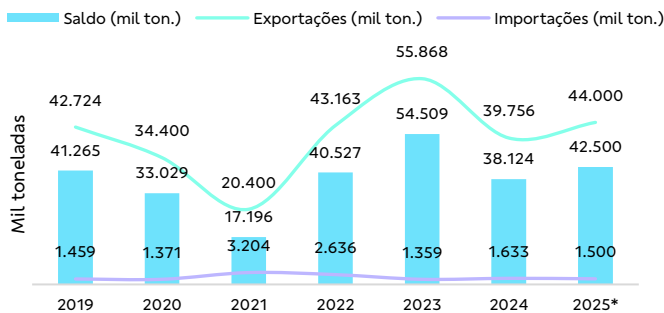
Em relação aos custos de produção, não se espera grande alívio nos preços dos fertilizantes, apesar de certa descompressão em relação às últimas safras. Restrição na oferta de algumas fórmulas e demanda mundial crescente, tem sido os principais fatores de resistência aos preços dos insumos.

Para 2025, os preços do farelo de milho seguem puxados pela crescente demanda no setor de ração animal e reação do grão no mercado físico. A interação entre os mercados de milho e soja, que apresentam uma relação de complementaridade na oferta e substitutibilidade na demanda, também influencia os preços do farelo de milho. Além disso, fatores como taxas de câmbio, infraestrutura de transporte / armazenagem e demanda interna no Brasil desempenham um papel importante na determinação dos preços.

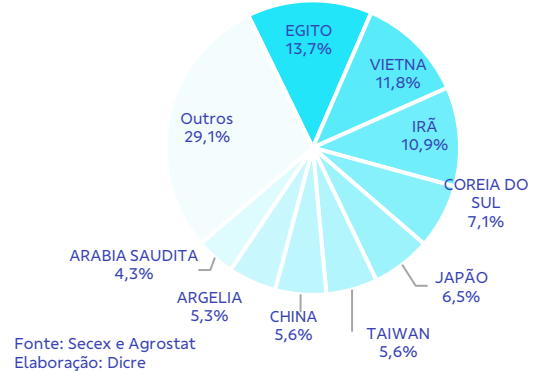
Por fim, o preço do biodiesel à base de milho tende a aumentar em 2025, devido à elevação gradativa do percentual do biocombustível na mistura com diesel fóssil, embora outros elementos como a cotação do petróleo e da taxa de câmbio também refletem na formação do preço.

Indicador do Milho Esalq/B3


Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Dicre

Balança Comercial - Milho
Acumulado/Ano


*2025 = Projeção USDA
Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Dicre

Exportações de Milho por Destino
Acumulado-Ano - 2024


Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Dicre

Exportações – As exportações brasileiras de milho representam aproximadamente 24,0% das exportações mundiais da commodity, ficando atrás apenas dos EUA. Do total das remessas externas brasileiras do complexo, aproximadamente 97,6% se refere ao milho na modalidade grãos em 2024. Egito, Vietnã e Irã, representam atualmente os principais destinos das remessas internacionais do milho brasileiro.

A menor produção nacional, a demanda interna aquecida, somada à maior oferta disponível no mercado internacional, em meio às boas safras estadunidense e argentina, são os fatores que reduziram o volume de exportações brasileiras do grão em 2024. No ano, a China reduziu suas compras oriundas do Brasil em percentual superior a 80%, enquanto o Egito elevou em 195,2%.

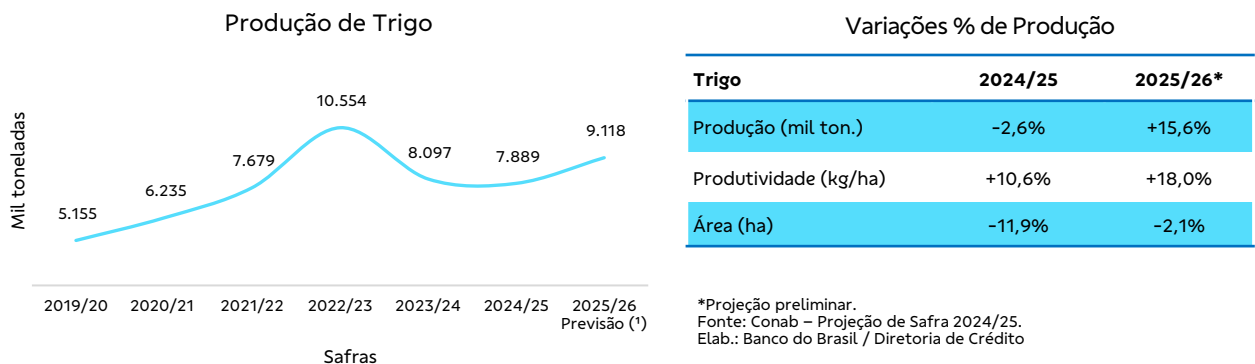
Considerando-se a produção da safra 2024/25, o USDA estima que, em 2025, 44 milhões de toneladas dessa produção devem sair do país via portos, sendo este volume 10,7% superior ao da safra 2023/24. Com a política protecionista praticada pelos EUA, *traders* chineses tendem a redirecionar suas compras para o Brasil, o que beneficiaria a cadeia do milho em termos de volume de negócios e preços, embora as vendas internas seguem aquecidas diante da demanda cada vez mais crescente por milho para produção de biodiesel.

A retomada das ações militares no atual conflito no Oriente Médio, ainda que se mostre como fator de risco adicional no cenário do comércio externo brasileiro, não deve afetar de forma direta e expressiva as vendas de milho para os países da região, exceto em relação ao Irã e, em menor grau, à Arábia Saudita, que, no acumulado de 2024, juntos foram destinos de 14,9% do milho brasileiro.

Trigo

A safra 2024/2025 de trigo, concluída em dezembro do último ano, apresentou bom rendimento em função das condições climáticas terem se mostrado bem melhores comparativamente àquelas que afetaram o ciclo 2023/2024, particularmente na Região Centro-Sul. Contudo, a área plantada sofreu uma redução considerável, principalmente no sul do país, em razão da deterioração do solo em parte do Rio Grande do Sul durante as enchentes e da opção de substituição por outras culturas

Para a atual safra (2025/2026), cuja semeadura está em vias de iniciar-se nos principais estados produtores, as primeiras estimativas da Conab apontam para maiores ganhos de produtividade (18,0%) e produção (15,6%), embora ainda com possível nova redução de área plantada. No entanto, analistas de mercado já apontam para expectativas até mais otimistas, inclusive com expansão de área plantada, em razão da base baixa do último ciclo, mas ponderada a competitividade de outras culturas como o milho safrinha, mais atrativo no momento, e o sorgo no Cerrado.



(1) Projeção.
Fonte: Conab – 6º Levantamento da Safra de Grãos 2024/25 – mar/2025
Elaboração: Dicre

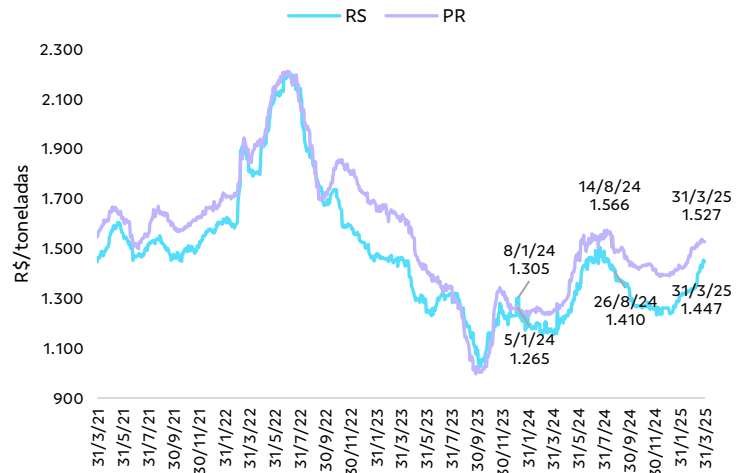
Preços e Custos – Ao longo de 2024, os preços do trigo em grãos no Brasil apresentaram dois movimentos. Até o início do 2º semestre, alta puxada pela menor produção doméstica e na oferta da produção global, especialmente da Rússia, maior produtor mundial. A partir de agosto, a influência do período de colheita e melhores perspectivas para a produção da Argentina enfraqueceram a cotação. Atualmente, a baixa disponibilidade de trigo internamente e a menor produção nos EUA vem fortalecendo preços, devendo persistir até a próxima safra no 2º semestre.

Em termos de custos de produção do trigo, notadamente de adubos e fertilizantes, algumas fórmulas têm apresentado altas recorrentes por conta de restrições de oferta em importantes produtores em contexto de demanda crescente.

Mercado Externo – O Brasil importa historicamente entre 50% e 60% do trigo consumido, sendo a Argentina o principal país fornecedor com aproximadamente 63,0% do total importado, seguida pelo Uruguai (12,1%), Rússia (10,7%), Paraguai (7,5%), Estados Unidos (5,6%) e Canadá (0,9%). No acumulado do ano passado, houve incremento de 12,3% nas importações diante da menor produção e, para 2025, apesar do incremento previsto na produção local, o balanço entre consumo e produção segue exigindo elevada participação do trigo do exterior.

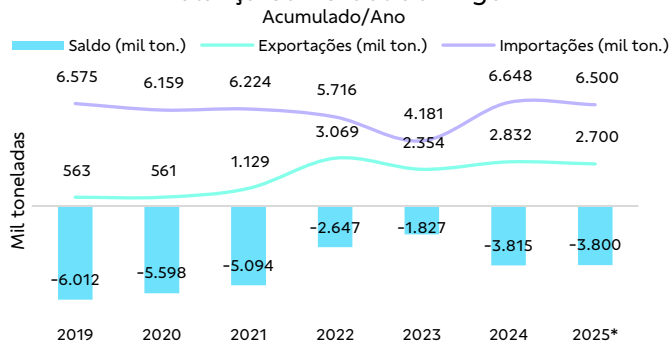
Apesar do Brasil ser importador da maior parte do trigo consumido, os produtores locais destinaram na média dos últimos três anos em torno de 28,0% do grão para outros países, tendo em vista que parte da produção nacional não atinge o padrão de panificação, sendo destinado para ração animal.

Indicador do Trigo Cepea/Esalq

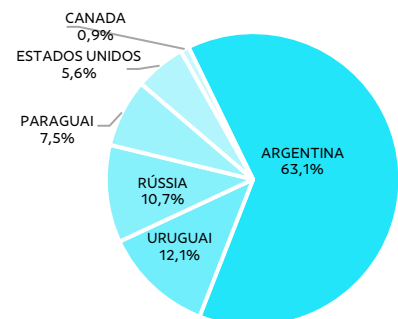


Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Dicre

Balança Comercial do Trigo



*2025 = Projeção USDA
Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Dicre

Importações de Trigo por Origem
Acumulado /Ano - 2024

Fonte: Secex e Agrostat
Elab.: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Cana-de-Açúcar

O ciclo da cana-de-açúcar na safra 2024/25, iniciada em abril de 2024, encerrou-se em março passado com produção em torno de 668 milhões de toneladas na temporada, de acordo com dados do Ministério da Agricultura, indicando retração de 6,3%. Vale mencionar que, segundo a Conab, a área destinada à colheita de cana-de-açúcar cresceu 4,3% no país, alcançando 8,7 milhões de hectares, porém a produtividade média caiu para 78.048 kg/ha, o que levou a retração na produção.

Segundo apuração da União da Indústria de Cana-de-Açúcar e Bioenergia – ÚNICA, após a retração de 5,7% no volume de cana moída da safra 2024/25, espera-se nova queda na moagem na temporada que se inicia em 1,9%. A retração está diretamente associada às condições climáticas adversas que afetaram as áreas produtivas da região Centro-Sul, responsável por mais de 90% da produção nacional. As temperaturas mais elevadas e estiagem mais prolongada no final do ciclo do El Niño, além de focos de incêndio que afetaram produtores de modo pontual no Sudeste, foram fatores determinantes para o baixo desenvolvimento da safra, com reflexos negativos sobre a rebrota da safra 2025/26, que entra no mercado a partir de abril.

Para a safra 2025/26, os dados preliminares divulgados indicam redução de área de produção, bem como queda da produtividade, com reflexos na produção. A safra 2025/26 de cana-de-açúcar deverá ser marcada por menor moagem, estimada entre 581 milhões e 620 milhões de toneladas na região Centro-Sul, em consequência do clima adverso e dos incêndios ocorridos em 2024, segundo a UNICA.

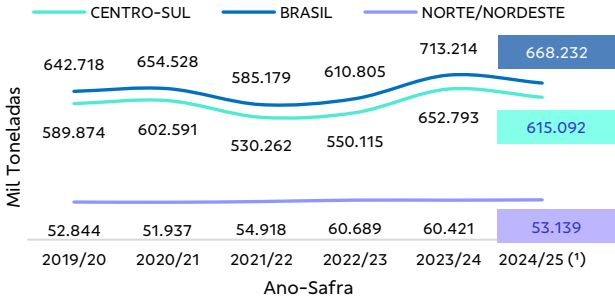
Outra preocupação presente no campo refere-se à proliferação de doenças e pragas nas lavouras, a exemplo dos fungos provocadores da “murcha do colmo”, que causa a podridão vermelha da casca e ataca os vasos condutores de água e nutrientes, interrompendo o fluxo e levando a planta à morte. Essa doença segue no radar dos produtores uma vez que afetou parte dos canaviais produtivos do Sudeste ao longo do segundo semestre de 2024.

Variações % de Produção

Cana-de-Açúcar	2023/24*	2024/25**
Produção (mil ton.)	+16,8%	-6,3%
Produtividade (kg/ha)	+16,2%	-9,7%
Produção de Derivados		
Açúcar	+24,1%	-5,9%
Etanol de Cana	+15,3%	-1,3%

*Fonte: Conab
**Fonte: Ministério da Agricultura
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito.

Produção de Cana de Açúcar



(1) Previsão do Ministério da Agricultura
Fonte: Conab e Min. Agricultura e Pecuária
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Produção de Açúcar

Segundo o Mapa, e em linha com a Conab, a produção de açúcar, que constava anteriormente com expectativa de crescimento, passou para retração de 5,2% na temporada que se encerrou. A redução da produção do adoçante na temporada perfaz o total de 43,5 milhões/ton.

Em que pese a redução do nível de produção do açúcar em razão da qualidade da matéria-prima afetada pelas adversidades climáticas no ciclo e o surgimento de pragas e doenças, o mix de produção seguiu se mostrando favorável à fabricação do açúcar em detrimento do etanol, ainda que este último tenha apresentado leve recuperação. A indústria continua sendo beneficiada pelo mercado internacional favorável para o adoçante.

De acordo com especialistas do setor, a produção de açúcar deve representar cerca de 52% da cana processada na safra 2025/26, impulsionada pela alta demanda global por adoçantes e pelos recentes investimentos das usinas em capacidades de cristalização. Apesar dos desafios climáticos, o Brasil deverá continuar na liderança do mercado como maior produtor e exportador mundial de açúcar, com o suporte das inovações tecnológicas e práticas agrícolas eficientes, respondendo de forma robusta à crescente demanda global por açúcar.

Cotações do Açúcar – A alta apontada nos preços ao longo do segundo semestre de 2024 decorreu dos efeitos deletérios do clima sobre as lavouras de cana (estiagem e temperaturas elevadas), além de focos de incêndio pontuais em algumas das áreas produtoras do Centro-Sul brasileiro, o que prejudicou a produtividade e limitou a oferta do adoçante no mercado, cuja demanda seguia aquecida.

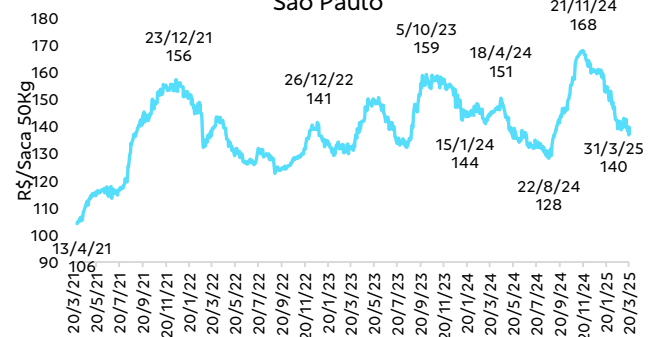
A retomada das chuvas e o clima mais ameno trouxeram algum alívio aos produtores que aproveitaram as últimas semanas do ano para aumentar o processamento da cana na fase final de colheita, colaborando para a queda das cotações. Esse retorno das chuvas também traz ao mercado a expectativa de maior extração do açúcar total recuperável da cana na safra 2025/26 e a manutenção de mix ainda açucareiro, podendo trazer certo efeito estabilizador aos preços.

Para 2025, os preços do açúcar vêm refletindo também a expectativa de oferta mais favorável dos principais produtores globais. As boas projeções para a safra de cana na Índia e a melhora da produção em fornecedores, como a Tailândia e outros do hemisfério norte, já refletem de algum modo o possível avanço da oferta do adoçante que pode restringir, em alguma medida, o nível de atratividade da cotação do adoçante. Há ainda que se considerar a entrada da produção brasileira no mercado a partir de abril, trazendo certa acomodação no mercado, até a entrada do açúcar asiático, em agosto.

Exportações – As remessas externas de açúcar brasileiro apresentaram comportamento robusto em 2024, com exportações atingindo novo recorde anual. Com restrições de exportação de açúcar na Índia e problemas climáticos que limitaram as vendas da Indonésia, o Brasil conseguiu ampliar as exportações, aproveitando o estoque recorde da safra anterior.

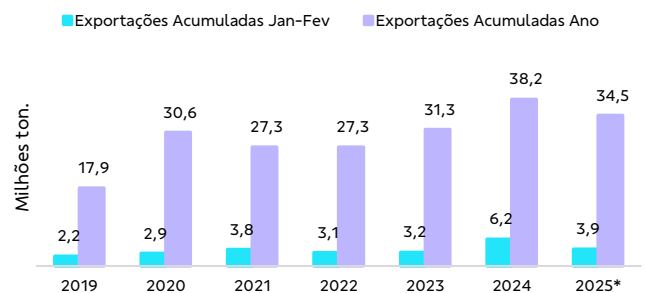
Porém, para 2025, a previsão de menor moagem no Brasil e o retorno da Índia no mercado mundial, com boas projeções de safra, além da recuperação da produção em outros países produtores, refletem em expectativa de queda nas vendas externas.

Indicador do Açúcar Cristal – Cepea/Esalq
São Paulo



Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Dicre

Exportações Acumuladas de Açúcar



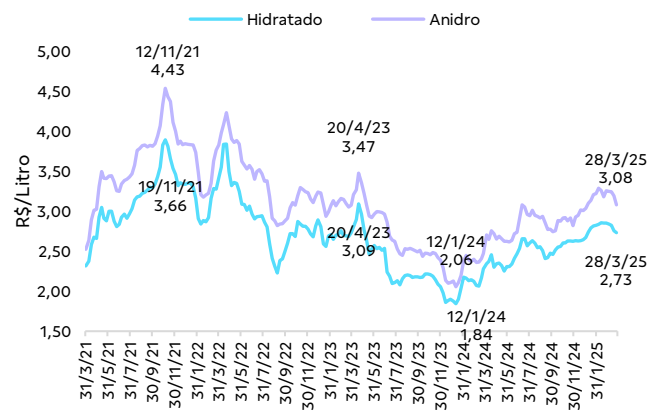
*Projeção = USDA para o ano de 2025. Janeiro e fevereiro é o realizado divulgado pela Secex.
Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Dicre

Produção de Etanóis

A produção de etanol de cana-de-açúcar na safra 2024/25 no Brasil fecha a temporada em torno de 28,9 bilhões de litros, representando retração de 2,8% em relação à safra anterior. Essa diminuição também é atribuída às condições climáticas adversas que afetaram a produtividade das lavouras de cana-de-açúcar. Apesar da menor produtividade, a produção de etanol de cana-de-açúcar continua sendo uma parte crucial do setor sucroenergético brasileiro, com contribuição significativa para a matriz energética do país. Para a safra 2025/26, espera-se a manutenção do mix mais açucareiro com a produção de etanol abaixo da necessidade de mercado, cuja demanda deverá ser complementada com etanol procedente do milho.

Cotação do Etanol – Os preços dos etanóis hidratado e anidro apresentaram, com algumas oscilações, trajetória de crescimento ao longo de 2024, de acordo com o informado pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), e segue nessa trajetória nos primeiros meses de 2025. A alavancagem das cotações continua refletindo a combinação de demanda aquecida e da boa vantagem comparativa do biocombustível frente à gasolina “C” nos principais estados consumidores. A expectativa para o ano é de preços mais acomodados, ainda que haja sinalização de certa retração da produção do etanol de cana. Porém, com a demanda aquecida e a crescente participação do etanol a partir do milho na composição do combustível a custos mais compensadores, minimizará o impacto sobre os preços ao longo do ano. O custo de produção do etanol de cana aumentou 6,3% no ano, saindo de R\$ 2,22 por litro para R\$ 2,36 por litro, deixando-o R\$ 0,48 por litro mais caro em relação ao custo do etanol oriundo do milho.

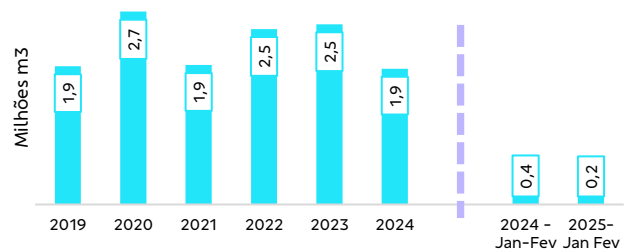
Cotação Semanal do Etanol Cepea/Esalq



Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Dicre

Exportações – No caso do etanol, as exportações caíram 24,7% em 2024, totalizando 1,9 bilhão de litros no ano. A Coreia do Sul continua como o principal destino, com 41,5% do volume exportado, seguida pelos Estados Unidos (16,5%) e Holanda (8%). Embora a competitividade do etanol brasileiro siga em alta, o maior direcionamento da produção para o açúcar, assim como a demanda interna crescente por uma economia de baixo carbono e as adequações no balanço entre oferta e demanda nacional vêm contribuindo para a redução das remessas ao exterior, movimento que deve persistir em 2025.

Exportações de Etanol



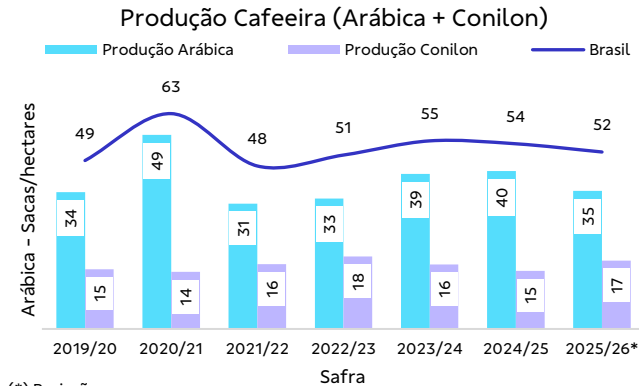
*Projeção = USDA para o ano de 2025. Janeiro e fevereiro é o realizado divulgado pela Secex.
Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Dicre

Recentemente, o governo dos EUA fez menção a um provável desequilíbrio de taxas aduaneiras dos produtos do setor sucroalcooleiro nacional para justificar tarifas adicionais de importação naquele país. Entretanto, ressalte-se que o etanol não se destaca na pauta de exportações brasileiras para os EUA (1,9%), mas o país exporta açúcar bruto (2,9%), álcool etílico (16,5%) e açúcar refinado (5,0%) e a tributação representa ameaça para as usinas que concentram suas atividades no mercado estadunidense.

Café

No 1º Levantamento da Safra de Café do Brasil 2025/26, de janeiro de 2025, a Conab aponta para retração de 4,4% da produção em relação à safra anterior, estimada para 51,8 milhões de sacas de café beneficiado.

Variações % de Produção



Café – Safra 2025/26*	Arábica	Conilon
Produção (mil ton.)	-12,4%	17,2%
Produtividade (kg/ha)	-10,7%	18,1%
Área (ha)	-1,6%	-0,7%

*Previsão

Fonte: Conab – Projeção de Safra 2025/26.

Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

(*) Projeção.

Fonte: Conab – 1º Levantamento da Safra de Café 2024/25 – jan/2025

Elaboração: Dicre

Além da bienalidade negativa na produção da especialidade arábica, a redução esperada na produtividade do atual ciclo tem influência dos períodos de menor precipitação e altas temperaturas que antecederam as fases iniciais da floração das lavouras no segundo semestre de 2024. Vale destacar que essas condições geram baixo rendimento em nutrientes e produção de grãos de qualidade inferior.

Outro aspecto diz respeito ao fato de que diante do risco de produção de grãos do arábica aquém do desempenho em qualidade aceitável na safra passada, produtores elevaram a poda das lavouras (esqueletamento), o que também ajudou a reduzir o potencial da produção da próxima safra (2025/26).

Em relação aos casos pontuais de queimadas em cafezais nos estados de São Paulo, Paraná e Minas Gerais entre agosto e setembro de 2024, o retorno das chuvas, ainda que irregulares e abaixo da média em setembro e outubro, dissiparam as incidências. No entanto, registrou-se ocorrências de necessidade de replantio como consequência, retardando a produção esperada para o ciclo 2026/27.

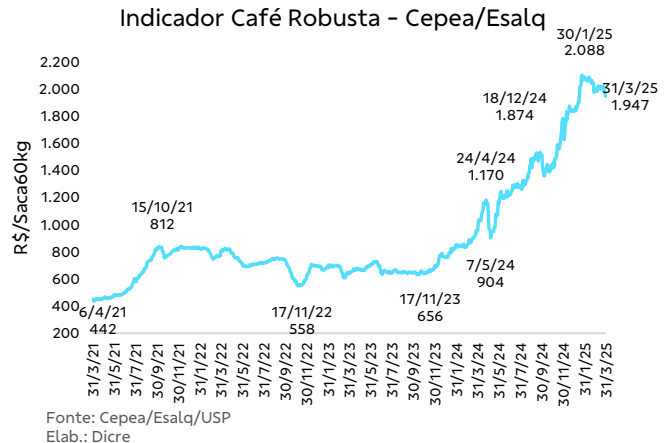
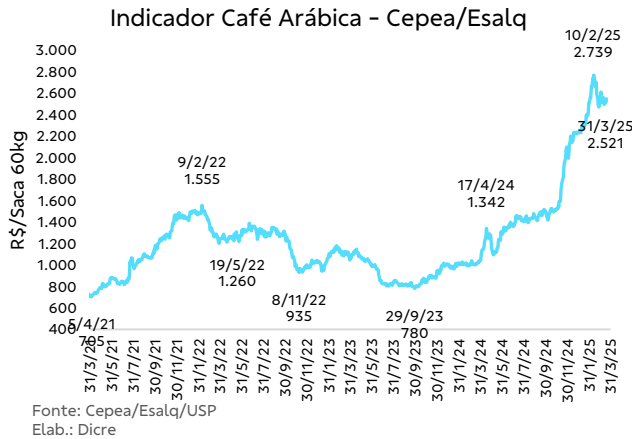
Para o conilon, cuja produção se concentra no norte do Espírito Santo e Noroeste de Minas Gerais, a boa expectativa esperada para a safra 2025/26 é reflexo da melhora gradual do clima no segundo semestre de 2024, com maior volume pluviométrico que viabilizou a emissão das primeiras floradas, trazendo boas perspectivas para o potencial produtivo das lavouras.

Por fim, o consumo, que historicamente segue com baixo crescimento, apresentou alta de 1,1% em 2024, na apuração da Associação Brasileira das Indústrias de Café (Abic). Para a safra 2025/26, o incremento esperado é de 0,5%, de acordo com a Consultoria Safras & Mercados, refletindo os preços em patamares mais elevados que se encontra o café no mercado interno, e que é fonte de pressão em custos para a indústria e de limitação para a demanda. A indústria segue muito ativa no mercado, buscando formar estoques de proteção frente à expectativa de queda da produção nacional.

Cotações do Café – A cotação do café iniciou trajetória ascendente a partir do final de 2023 e acentuando-se ao longo de 2024 e início de 2025, sendo fruto da queda de produção observada durante a última safra (2024/25) em decorrência dos problemas climáticos do período.

A contribuição para valorização dos preços vieram também do cenário global. O Vietnã, o maior produtor de conilon, segue com a produção cafeeira sofrendo com o clima desde o início de 2024, resultando em queda na produção do café e, consequentemente, em redução nos embarques. Em Londres, onde o conilon é negociado, a forte alta no mesmo período representou aumento superior a 100% nas cotações. Assim, os efeitos decorrentes nos preços internacionais também tem refletido nos preços internos.

Na venda realizada pelo produtor, o café arábica, o mais plantado do país, encareceu 150% em 12 meses, segundo dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea).



Esse cenário de preços mais elevados ao longo de 2024 permitiram margens mais amplas para os produtores no campo e não deve mudar em 2025. A expectativa de uma safra menor de arábica no Brasil à frente deve continuar a dar suporte aos preços.

Apesar do nível de preços estar favorecendo as margens dos produtores no campo, os custos com insumos e fertilizantes ainda mostram-se elevados. Restrição na oferta de algumas fórmulas, notadamente fosfatados e nitrogenados, em contexto de demanda mundial crescente, tem sido o principal fator de resistência aos preços dos insumos. Outro fator que tem pesado nos custos de produção são as despesas de logística interna (frete rodoviários, preços de combustíveis, baixa capacidade de armazenamento entre outros).

Embora no final de fevereiro e início de março se observa alguma queda nos preços no arábica e no conilon, e apesar de alguma recuperação nos níveis de produção da especialidade conilon no Vietnã e no Brasil e do arábica na Colômbia e na América Central, por ora o movimento sugere apenas uma correção pontual, não sendo esperada inversão no nível de preços do grão.

Em que pese a melhora das margens de rentabilidade no campo, a indústria brasileira beneficiadora de café, por outro lado, segue com margens mais apertadas em decorrência dos insumos encarecidos (café).

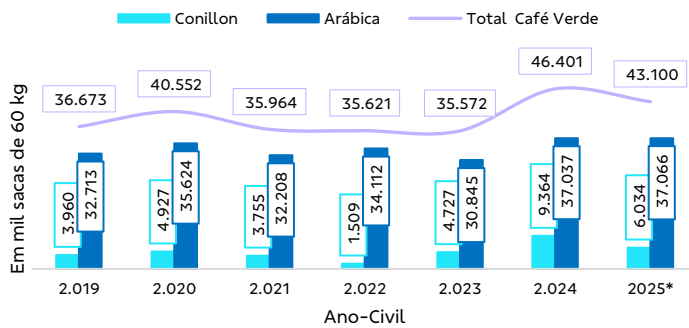
Menciona-se que o mercado externo segue como principal ponto de apoio para a recomposição das margens financeiras da cadeia produtiva, embora atenção seja necessária em relação aos impactos das ações protecionistas dos EUA sobre o volume de negócios da indústria brasileira.

Exportações – O Brasil exportou 46,4 milhões de sacas de 60 kg de café arábica e conilon em 2024, volume que corresponde a incremento de 30,4% na comparação com igual período de 2023, segundo os dados disponibilizados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). Esse volume de café verde (*in natura*) é o maior já exportado pelo Brasil em um ano, incluídas as especialidades arábica e conilon, sendo que, segundo o Cecafé, o café arábica representou 79,8%, a especialidade conilon 20,2% e os 8,3% adicionais representam as remessas de café torrado e café solúvel.

Entre os motivos que contribuíram para a expansão das exportações de cafés do Brasil está o fato do país estar ocupando espaços deixados por ofertas de países concorrentes e produtores da especialidade conilon, como Vietnã e Indonésia, que seguem, inclusive, importando cafés brasileiros.

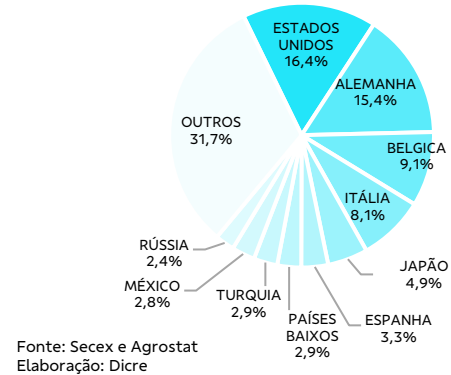
Problemas climáticos que afetaram produtores da especialidade arábica no hemisfério sul e países centro-americanos e, também, algumas regiões produtoras do continente africano, favoreceram a procura pelo arábica brasileiro. Ademais, a qualidade da produção nacional, a desvalorização da moeda nacional frente ao dólar e a valorização do café no mercado externo têm beneficiado as remessas brasileiras.

Exportações de Café Arábica e Conilon



*Projeção do USDA
Fonte: Cecafé / Secex / Agrostat
Elaboração: Dicre

Exportações Complexo do Café Acumulado/Ano - 2024



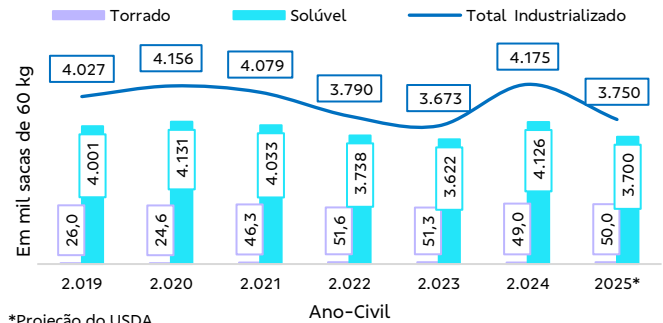
Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Dicre

Prospectivamente, as exportações brasileiras devem perder força no ano diante dos preços valorizados no mercado, menor produção brasileira na safra 2025/2026 e recuperação de produção em outros países produtores.

Dificuldades logísticas quanto ao embarque de fretes marítimos de café seguem como objeto de preocupação dos traders. Ao longo de 2024, exportadores de café tiveram prejuízo de R\$ 51,54 milhões em custos extras com armazenagens adicionais, entregas antecipadas ou retenção de containers fora dos terminais por falta de espaço, além de perdas de receita, segundo Cecafé.

Adicionalmente, atenção deve ser dada aos desafios em termos de sustentabilidade e regulação para acessar mercados exigentes, como da União Europeia, com necessidades crescentes de rastreabilidade no setor para evitar desmatamento, além de esforços para redução de emissão de gases de efeito estufa. Os efeitos devem ser amenizados para o agronegócio brasileiro, caso o Acordo entre Mercosul e UE, de livre comércio entre os blocos, seja referendado pelo bloco europeu. No mesmo sentido, as políticas protecionistas dos EUA podem afetar a dinâmica das exportações do setor nacional que destina 15% das remessas de café para o país norte americano. Ressalte-se que a commodity representa 63% da pauta de exportações brasileiras para os EUA.

Exportações de Café Industrializado



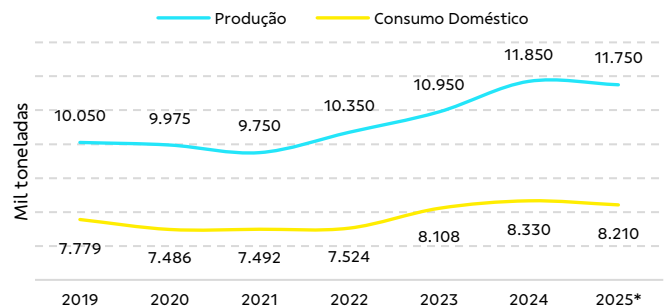
*Projeção do USDA
Fonte: Cecafé / Secex / Agrostat
Elaboração: Dicre

Destaques – Proteínas Animais

Bovinos

O ano de 2024 foi marcado pelo elevado volume dos abates de animais, característico do ciclo pecuário de descarte de matrizes iniciado ainda em 2022, que refletiu em retração das cotações do boi e, consequentemente, nas margens de rentabilidade dos produtores. Por outro lado, os frigoríficos se beneficiaram com custos mais baixos de insumos e pelo aumento do consumo interno em consequência da melhora da renda das famílias.

Produção e Consumo de Carne Bovina



* Projeções
Fonte: USDA
Elab.: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Em resultado, segundo estatísticas do *United States Department of Agriculture* – USDA, a produção brasileira de carne bovina apresentou incremento de 8,2% frente a 2023, em linha com o divulgado pela Conab para o período (aumento de 7,4%).

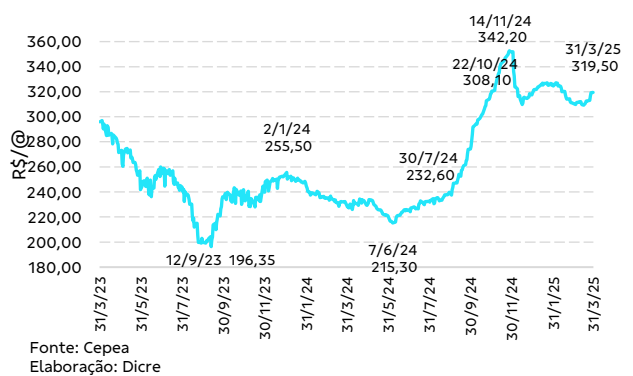
De acordo com a Consultoria Safras & Mercado, a sinalização de reversão do ciclo pecuário com retenção de matrizes bovinas, já iniciado no segundo semestre de 2024, reflete em estimativas de menor oferta de animais para abate em 2025 (queda em torno de 5,47% no ano), com possível retração da produção de carnes em 6,6%. Porém, chama a atenção o fato de que, apesar da crescente menor disponibilidade de animais para abate e a dinâmica de reversão já sinalizada, os números recentes de fêmeas abatidas nos três primeiros meses do ano ainda surpreendem pela expressividade.

A forte demanda, em especial a externa, é o principal estímulo para os pecuaristas seguirem em ritmo alto de descarte. Nesse contexto, consultorias de mercado continuam indicando que o ritmo de nascimentos não conseguirá acompanhar a demanda por animais de reposição, aumentando a possibilidade de reajustes de preços ao longo da cadeia produtiva nos próximos meses.

Custos e Preços – O valor do boi e os preços da proteína no mercado iniciaram o ano ainda em patamares elevado, embora apresentando queda nos três primeiros meses, devido aos números recentes ainda elevados de abates de fêmeas. Esse crescimento dos abates é justificado pelo estímulo da demanda externa, diante da competitividade da criação no campo, o diferencial em biossegurança e a sanidade animal, além do câmbio depreciado.

Acrescente-se também que o elevado custo do capital (Selic avançando em patamar contracionista) e as incertezas no ambiente econômico também são fatores que dão suporte para o nível de descarte observado recentemente.

Preço do Boi Gordo à Vista – Cepea/B3



Ressalte-se que os patamares mais elevados de preços já levam consumidores a buscarem proteínas substitutas mais baratas frente à proteína bovina. Do lado externo, a procura aquecida e o câmbio favorável trazem alívio às margens dos frigoríficos, mas a oferta mais restritiva e seus impactos na rentabilidade seguem no radar da indústria.

Os custos seguem indicando certa pressão altista devido aos preços de insumos importados veterinários e de sanidade animal que são impactados pela desvalorização cambial, além da reação observada no preço do milho, insumo utilizado na complementação alimentar, cuja expectativa é de cotação sustentada no curto prazo. Entretanto, de maneira geral a expectativa é de margens beneficiadas no campo diante da tendência de manutenção dos preços valorizados da proteína.

Para o pecuarista focado na cria, o momento mostra-se oportuno para ampliar as margens após período de grande descarte de matrizes em idade reprodutiva. Já para o pecuarista que trabalha com recria e engorda, é esperado que as categorias de reposição fiquem mais caras, trazendo pressões aos custos. Para os frigoríficos, o maior custo do gado e a menor oferta de animais representam desafio em relação ao fornecimento de carne bovina e à capacidade de repasse aos preços ao consumidor, podendo refletir em margens financeiras mais restritas.

Exportações – O Brasil permanece como maior fornecedor mundial de proteína bovina, detendo 28,2% das remessas globais. Os embarques de carne bovina brasileira mostram crescimento, em linha com a abertura de novos mercados aos frigoríficos nacionais e a ampliação dos existentes. A abertura de novos mercados é uma forma de reação à estratégia do governo chinês, principal destino das remessas de cortes bovinos brasileiros, de reduzir as compras oriundas do Brasil, de modo a diminuir a dependência externa e os custos de importação. Ainda assim, a China continua sendo o principal destino da proteína brasileira, absorvendo em torno de 46% das remessas do país (dados acumulados de jan-dez/24), seguido dos EUA (8%) e os Emirados Árabes Unidos (4,6%). Esses dois países aumentaram em 52% e 72%, respectivamente, os volumes embarcados do Brasil, em relação a 2023.

Em que pese os fatores elencados, os riscos associados aos atuais conflitos geopolíticos no cenário internacional, em especial no Oriente Médio, onde o Brasil tem aumentado as parcerias comerciais do setor, seguem no radar da indústria, dado os potenciais impactos nos negócios com a região. Adicionalmente, as incertezas quanto às políticas protecionistas do governo estadunidense e seus impactos sobre a produção brasileira estão no radar do governo e dos agentes do setor. Porém não se descarta a hipótese de que, apesar do Brasil exportar para os EUA, as medidas podem, por outro lado, beneficiar o Brasil mediante ganhos em outros mercados.

O câmbio desvalorizado segue favorável ao mercado exportador brasileiro, garantindo a competitividade em termos de preços, além da qualidade da proteína brasileira. As estimativas iniciais, segundo a Consultoria Safras & Mercado, indicam incremento das vendas externas, próximo a 0,2%, se as estimativas de reversão do ciclo da pecuária se confirmarem.

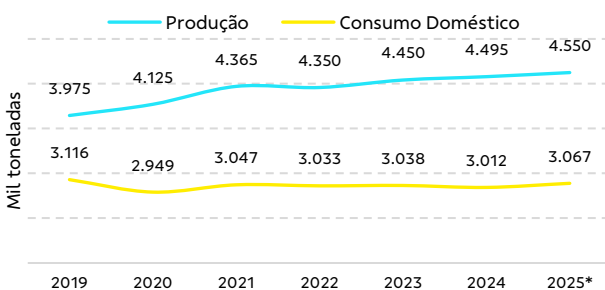
Suínos

Segundo o USDA, a produção de suínos brasileira fechou 2024 em 4,5 milhões de toneladas, incremento de 1% frente ao ano anterior. A Conab, na mesma linha, apontou para o incremento de 1,7%. Ambas as instituições confirmam que o valor atingido foi o maior da série histórica desde o início do acompanhamento. O incremento foi sustentado pela melhora da renda das famílias e a demanda aquecida (interna e externa).

As perspectivas para o setor suinícola são boas para 2025. Segundo o USDA, os frigoríficos de suínos deverão fechar o indicador de produção de proteína suína com incremento aproximado de 1,2%, devendo se manter próxima a 4,6 milhões de toneladas, volume recorde de produção. Ademais, o nível de preços dos cortes de bovinos pode beneficiar o consumo de suínos, tendo em vista o redirecionamento do consumo para proteínas substitutas, de menor valor agregado e mais acessíveis ao orçamento familiar.

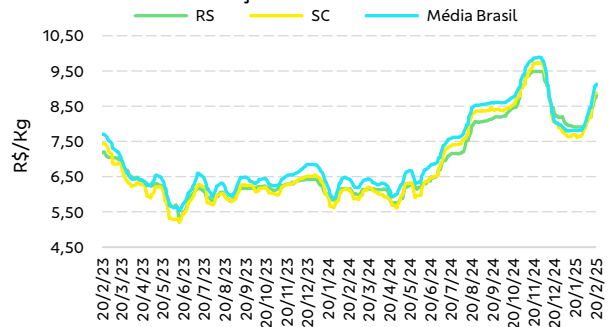
A Consultoria Safras & Mercado, aponta incremento nos abates de suínos em 2025, em 2,2% e produção de carnes de 2,4%, puxado pela demanda externa e pela interna que seguem aquecidas.

Produção e Consumo de Carne Suína



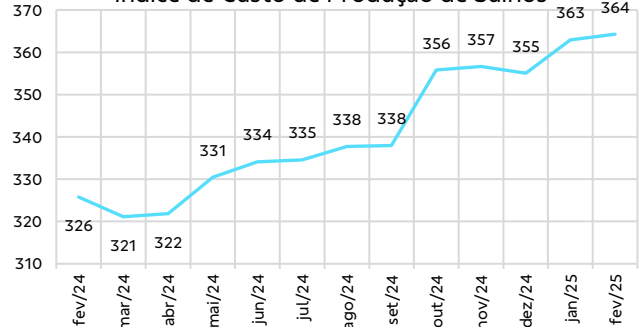
* Projeções
Fonte: USDA
Elab.: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Preço do Suíno Vivo



Preços e Custos – Em relação aos preços, o desempenho das exportações brasileiras, que seguem aquecidas, e a forte demanda interna favorecida pela melhora no mercado de trabalho e na renda das famílias vêm sustentando a valorização dos preços de comercialização do suíno vivo no mercado, que atingiu máximas históricas no 2º semestre de 2024. Além disso, o movimento de alta da proteína bovina, com a reversão do ciclo do boi, que já começa ser sentida no período, já vem redirecionando parte do consumo para a proteína suína, mais acessíveis aos consumidores de baixa renda.

Índice de Custo de Produção de Suínos



Fonte: Embrapa
Elab.: Dicare

Entretanto, os preços do suíno apresentaram queda no final de 2024, com retração das vendas no mercado interno, em decorrência dos frigoríficos terem reduzido o ritmo de compras em momento que o mercado já se encontrava abastecido. Em janeiro, a retração continuou devido à sazonalidade característica do consumo que tende a se refrear após as festas de fim de ano, retomando sua trajetória altista a partir de fevereiro. Já o setor externo continua como principal foco de geração de renda da cadeia produtiva em 2025.

O índice do custo de produção mostrou incremento de 11,8% nos últimos 12 meses encerrados em fevereiro. Destaque para o avanço nos preços da ração animal, 10,9%. Vale ressaltar que os incrementos nos preços do milho, insumo básico da ração animal adotada na suinocultura, foi um dos principais responsáveis pela elevação observada. A ração corresponde a 72,7% dos custos de produção do segmento criador.

Mercado Externo – As exportações brasileiras seguem em ritmo de forte expansão, com aumento de 9,1% em 2024 e estimativa de atingir 7,0% em 2025, conforme Safras & Mercado. A competitividade brasileira no mercado internacional tem sido favorecida pela desvalorização do real e pela perda de espaço da União Europeia no mercado, que enfrenta desafios internos, como normas restritivas de bem-estar animal e altos custos de produção, além de problemas de sanidade animal com a proliferação de casos de febre suína africana em alguns países europeus. Por outro lado, a China vem reduzindo as suas compras externas de suínos vivos, de modo a incentivar a recuperação da atividade naquele país, reduzindo as vendas externas para o país asiático.

Em meio a esse cenário, o Brasil tem trabalhado no sentido de ampliar as parcerias internacionais, negociando a abertura de novos mercados e expandindo suas vendas, como ocorreu durante 2024, com destaques para as vendas para a China (26,6%), Filipinas (18,2%), Chile (8,6%), Japão (7,1%), Cingapura (6,0%), Vietnã (4,0%), Uruguai (3,5%) e México (3,3%). Vale destacar que o Brasil também ampliou seus mercados para países do Oriente Médio, como a Arábia Saudita, Iraque e Emirados Árabes Unidos. Entretanto, os conflitos geopolíticos entre Rússia e Ucrânia e a retomada do conflito entre israelenses e palestinos no Oriente Médio seguem exigindo atenção, tendo em vista os potenciais impactos sobre a logística e custos de transporte. Efeitos sobre as exportações brasileiras decorrentes de medidas protecionistas por parte do governo dos EUA também é ponto de atenção, com possibilidade, inclusive de ganho de mercado.

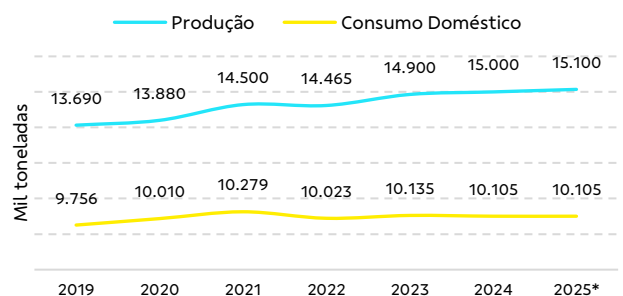
Em relação aos cuidados sanitários, cabe ressaltar o rigoroso controle aduaneiro realizado na entrada de proteína suína no País e de animais vivos, com intuito de controlar eventuais casos de contaminações, inclusive de peste suína africana.

Frango

Na esteira do número elevado de aves para abate no país, as projeções do USDA indicam incremento de 0,7% na produção de carne de frango pelos frigoríficos nacionais em 2025. Os fatores que motivam esse incremento previsto são oriundos das demandas externa e interna aquecidas. Além disso, a confirmação da reversão do ciclo da bovinocultura, com efeitos sobre os preços dos cortes bovinos favorecem a substituição do consumo por aves e suínos internamente.

Ainda que nas estimativas do USDA o consumo doméstico indique avanço de 0,7%, o montante permanece expressivo. Ademais, entidades e consultorias nacionais indicam previsão de crescimento que podem variar positivamente em até 2,3%.

Produção e Consumo de Carne de Frango



* Projeções
Fonte: USDA
Elab.: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Custos e Preços – O índice do custo de produção de frangos no Brasil apresentou incremento de 11,32% nos últimos 12 meses, encerrados em fevereiro de 2025. Os custos com ração, genética animal, mão de obra e energia elétrica/calefação foram os que mais aumentaram no ano, 12,3%, 14,8%, 13,7% e 8,1%, respectivamente. Da composição total dos custos de produção animal, os itens listados representaram em janeiro, 90,3% do total, sendo ração animal equivalente a 67,95%, com o preço do milho impactando diretamente esse componente do custo. O grão é o principal insumo básico da ração animal.

Os maiores gastos para o produtor impulsiona os custos de aquisição de animais por parte dos frigoríficos, especialmente aqueles que trabalham em sistema de integração. No mais, o poder de negociação dos frigoríficos tende a retirar margem dos produtores, que enfrentam dificuldades de repassar os custos para a indústria.

Apesar da estabilidade nos preços no primeiro semestre de 2024, observou-se reação diante da sinalização de reversão do ciclo do boi e de incremento na demanda da proteína avícola a partir de agosto/2024, beneficiando as margens do setor frente aos custos, uma vez que a elevação dos preços da proteína superaram o crescimento dos custos. Essa trajetória ascendente dos preços se estabilizou a partir da segunda quinzena de novembro e deve seguir ao longo do primeiro semestre. A expectativa é de nova elevação dos preços com a confirmação da reversão do ciclo da pecuária bovina a partir do segundo semestre.

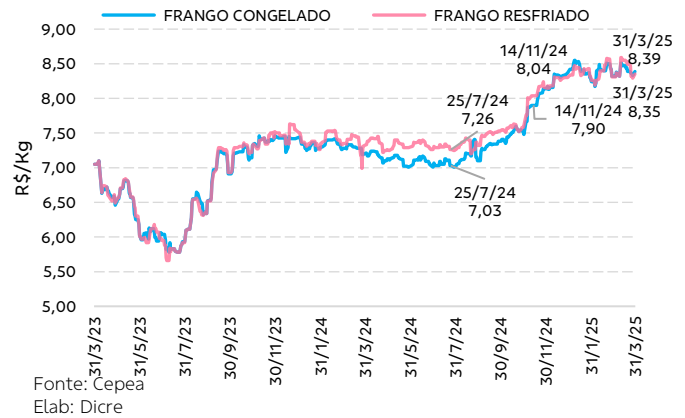
Mercado Externo – A cadeia produtiva brasileira de frangos representa cerca de 48,3% da produção nacional do complexo de carnes, sendo o principal produto das vendas externas de proteína animal. As remessas ao exterior registraram leve alta em 2024, chegando a 5,16 milhões de toneladas, mesmo com menor procura da China pelo produto brasileiro, tendo em vista os incentivos para a recomposição da cadeia produtiva chinesa. O envio para o país asiático registrou queda de 18%, que foi compensada pelo aumento robusto para países como México (+23%), Iraque (+18%) e Chile (+44%).

Entretanto, os conflitos geopolítico, em especial as tensões no Oriente Médio, seguem exigindo atenção do setor, tendo em vista vários destinos das remessas brasileiras na região. Atenção também deve ser dada em relação aos potenciais efeitos das medidas protecionistas que possam vir a ser adotadas pelo governo estadunidense no mercado sobre as vendas brasileiras ao mercado externo.

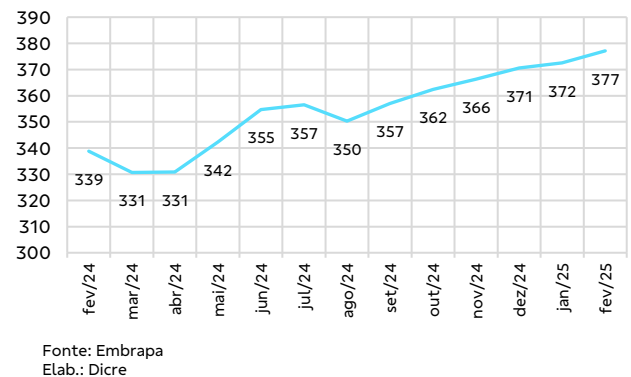
O segmento é acompanhado por um rígido controle dos órgãos de fiscalização de sanidade animal que atua na prevenção de doenças, como a influenza aviária, já detectada em animais silvestres, além do monitoramento e controle nos casos pontuais de outras já erradicadas como da contaminação de uma ave no Rio Grande do Sul com a doença de Newcastle, em julho.

Para 2025, as expectativas demonstram tendência de crescimento das exportações em 3,2%, em consonância com as políticas adotadas pelo Brasil para a abertura de novos mercados aos seus produtos.

Preço do Frango Cepea/Esalq – SP



Índice de Custo de Produção de Frangos



Destaques – Insumos Agrícolas

O setor de insumos agrícolas continua enfrentando desafios no curto prazo, com efeitos nos resultados das empresas participantes dos diversos elos da cadeia produtiva. Em que pese as estimativas de melhora para a atual safra e da dimensão da atividade agrícola no país, que impulsiona os negócios em toda a cadeia dos insumos, ainda perduram questões conjunturais que afetam a recuperação da rentabilidade e a condição financeira de alguns produtores rurais e empresas do setor.

Com relação ao segmento de fertilizantes, espera-se aumento de 3% nas vendas ao longo deste ano, em linha com o aumento da produção agrícola de grãos. No entanto, flutuações frequentes nos pedidos e maiores níveis de inadimplência são fontes de preocupação para as empresas distribuidoras no varejo. Na indústria, a produção de fertilizantes nitrogenados e fosfatados deve repetir o desempenho do ano passado, com incremento de 4% para 2025, estimulada pelo aumento das áreas cultivadas na safra 2024/2025 e impulsionada pelo Plano de Investimentos 2024/2028 da Petrobras e em plantas de outras empresas.

No caso específico dos defensivos, o Brasil é o primeiro consumidor do mundo desses produtos e as vendas do segmento, que segundo estimativas avançaram 5% em 2024, devem crescer 3% em 2025, ainda que em desaceleração, também em linha com a expansão da atividade agrícola e da crescente necessidade recente de aplicações por questões de clima e da maior incidência de pragas. Destaque para o mercado de biodefensivos (defensivos desenvolvidos a partir de um ativo biológico) que têm sido uma alternativa cada vez mais adotada, estimulando o mercado de bioinsumos e atraindo investimentos no setor. Apesar disso, importante player do setor declarou recentemente que é necessária mais clareza na legislação brasileira para permitir que produtos de origem biológicas possam ser aprovados de acordo com regras que já existem em outros países.

No mercado de sementes, a produção está alinhada com o avanço das principais culturas agrícolas e a crescente adoção de organismos geneticamente modificados (OGM). Estima-se que as vendas em 2025 continuarão a crescer. O clima mais ameno e a produção recorde de grãos tendem a normalizar a produção de sementes em 2025, após condição climática adversa restringir, em alguns casos, o acesso a determinadas cultivares em 2024.

As empresas de máquinas e implementos agrícolas enfrentaram dificuldades mais acentuadas nos últimos anos em termos de produção e vendas. Em 2024, as vendas de tratores e colheitadeiras totalizaram 48.906 unidades, redução de 19,8% em comparação ao mesmo período de 2023, segundo a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas (Anfavea). Além disso, estima-se que a receita do setor tenha retraído cerca de 20% no encerramento de 2024, em relação a 2023, totalizando aproximadamente R\$ 60 bilhões. A piora no desempenho do último ano está associada ao adiamento de investimentos no campo, diante das condições mais adversas na atividade agrícola no último ciclo, especialmente em termos de clima e queda nas margens dos produtores, em um ambiente marcado pela política monetária que avança em território contracionista e situação econômica na Argentina, país que é importante destino das máquinas agrícolas brasileiras. Em janeiro de 2025, segundo a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), as vendas somaram R\$ 4,2 bilhões, o que representou um aumento de 23,3% em relação ao mesmo mês de 2024. Já em comparação a dezembro de 2024, a comercialização caiu 5,5%. Prospectivamente, para o encerramento de 2025, a projeção é de alta de 8,2% no faturamento, atingindo cerca de R\$ 65 bilhões, embora ainda bem distante do nível ideal para recuperar as perdas dos últimos anos.

Importante destacar também a preocupação do segmento de máquinas e implementos agrícolas em relação aos caminhos da política de aumento das tarifas de importação pelos Estados Unidos, haja vista que as exportações para o país representam aproximadamente 10% das remessas brasileiras. Nesse sentido, ainda que exista certa concentração das atividades em grupos transnacionais de grande porte, o eventual aumento nas tarifas de importação representaria mais um golpe para o segmento, especialmente para empresas nacionais exportadoras mais focadas na produção de implementos.

Destaques – Ambiente para o comércio externo do agronegócio brasileiro

O Brasil se destaca no mercado internacional como grande produtor e exportador de *commodities* agrícolas para todos os continentes. No entanto, os grandes *players* do mercado, entre eles o Brasil, acompanha, com certa cautela, os efeitos das aplicações de medidas protecionistas pelo novo governo republicano nos EUA aos demais países parceiros comerciais, como “medida de proteção” ao mercado interno daquele país. Essas medidas incluem também o comércio de produtos agropecuários e seus derivados.

Alguns segmentos do agro brasileiro esperam um possível efeito positivo indireto das medidas do governo Trump sobre as vendas do Brasil ao mercado externo. A aplicação de sobretaxas no comércio dos EUA com a China, com consequente retaliação, oferece oportunidade para o agronegócio brasileiro aumentar suas exportações para a China, podendo beneficiar as cadeias produtivas da soja e milho, além do segmento de proteína animal, setores nos quais a China já é grande compradora do Brasil.

Consultorias brasileiras ligadas ao setor apontam para o fato de que outros mercados também podem se beneficiar do fortalecimento do comércio agrícola brasileiro. O Brasil poderia assumir posição estratégica para países que buscam reduzir sua dependência dos EUA.

Por outro lado, produtos como café, suco de laranja, proteína animal e do complexo sucroalcooleiro são exportadores para os EUA e estariam mais diretamente expostos negativamente às tarifas adicionais recém anunciadas de 10%, além de produtos florestais (destaque para papel e celulose).

Em relação ao mercado europeu, em dezembro de 2024, os líderes do Mercosul e da União Europeia anunciaram, em Montevidéu, a conclusão das negociações do acordo de parceria entre os blocos. Para efetivação, o acordo ainda exige aprovação do capítulo comercial no Parlamento Europeu e deliberação em cada país no que tange aos demais pilares do Acordo. Já no Mercosul, basta a aprovação individual em cada país para iniciar a validade na respectiva jurisdição.

Embora ainda existem passos para efetivação do acordo, a assinatura representa um avanço importante após 25 anos de negociação entre os blocos e traz perspectivas positivas para expansão das exportações brasileiras do agronegócio, que já possui pauta exportadora representativa para países do bloco europeu. Nesse sentido, considerando que o acordo prevê o estabelecimento de limites permanentes para futura entrada de produtos do Mercosul na UE, os segmentos que tendem a ser mais beneficiados pelas cotas previstas de acesso à UE são Aves e Suínos. O estabelecimento do acordo no atual cenário protecionista dos EUA poderia beneficiar ambos os mercados, surgindo como alternativa às eventuais sobretaxas que venham a ser praticadas contra a União Europeia e o Brasil.

Por outro lado, a *European Union Deforestation Act (EUDR)*, lei que tem por objetivo reduzir o impacto da UE no desmatamento global, mediante proibição da entrada e circulação de produtos originados de áreas desmatadas no país de origem, tem início de vigência previsto para 31.12.2025. Embora ainda não exista regulamentação com maior detalhamento em relação às exigências para os exportadores, o Brasil exporta atualmente produtos abrangidos pela Lei, notadamente relacionados ao agronegócio (80% das exportações contempladas na Lei), sendo 58% dessas relativas a soja, 38% ao café, 3,5% à bovinocultura e 0,6% ao cacau. No entanto, o Brasil já cumpre algumas exigências legais exigidas atualmente pela UE nas exportações de *commodities* agropecuárias, que vão desde o controle rígido com selos de qualidade do produto, certificados de procedência e rastreabilidade, que, em alguma medida, deve auxiliar no processo de adaptação.

Disclaimer

- LEIA O FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES, A LÂMINA DE INFORMAÇÕES ESSENCIAIS, SE HOUVER, E O REGULAMENTO ANTES DE INVESTIR.
- DESCRIÇÃO DO TIPO ANBIMA DISPONÍVEL NO FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES.
- RENTABILIDADE OBTIDA NO PASSADO NÃO REPRESENTA GARANTIA DE RESULTADOS FUTUROS.
- O INVESTIMENTO EM FUNDO NÃO É GARANTIDO PELO FUNDO GARANTIDOR DE CRÉDITO – FGC.
- A RENTABILIDADE DIVULGADA NÃO É LÍQUIDA DE IMPOSTOS.
- PARA AVALIAÇÃO DA PERFORMANCE DE UM FUNDO DE INVESTIMENTO, É RECOMENDÁVEL A ANÁLISE DE, NO MÍNIMO, 12 (DOZE) MESES.
- A BB ASSET SE EXIME DE QUALQUER RESPONSABILIDADE POR QUAISQUER PREJUÍZOS, DIRETOS OU INDIRETOS, QUE VENHAM A DECORRER DA UTILIZAÇÃO INDEVIDA DESTES MATERIAIS OU SEU CONTEÚDO.
- ESTE MATERIAL É DISTRIBUÍDO UNICAMENTE A TÍTULO INFORMATIVO, E NÃO DEVE SER CONSIDERADO ISOLADAMENTE PARA TOMADA DE DECISÃO DE INVESTIMENTO. TEM COMO OBJETIVO AUXILIAR O CLIENTE EM SUAS DECISÕES DE INVESTIMENTO, NÃO CONSTITUINDO QUALQUER TIPO DE OFERTA OU SOLICITAÇÃO DE COMPRA E/OU VENDA DE QUALQUER PRODUTO. ANTES DE QUALQUER DECISÃO, O CLIENTE DEVERÁ REALIZAR O PROCESSO DE SUITABILITY E CONFIRMAR SE OS PRODUTOS APRESENTADOS SÃO INDICADOS PARA O SEU PERFIL DE INVESTIDOR. ESTE DOCUMENTO NÃO LEVA EM CONSIDERAÇÃO OS OBJETIVOS DE INVESTIMENTOS, SITUAÇÃO FINANCEIRA OU NECESSIDADES ESPECÍFICAS DOS INVESTIDORES, DE FORMA PARTICULAR.
- ESTE MATERIAL NÃO SUGERE QUALQUER ALTERAÇÃO DE CARTEIRA, MAS SOMENTE ORIENTAÇÃO SOBRE PRODUTOS ADEQUADOS A DETERMINADO PERFIL DE INVESTIDOR. A BB ASSET MANAGEMENT NÃO SE RESPONSABILIZA POR QUALQUER DECISÃO TOMADA PELO CLIENTE COM BASE NAS ORIENTAÇÕES AQUI CONTIDAS.
- AS INFORMAÇÕES DO CONSULTOR NÃO REFLETEM NECESSARIAMENTE PROJEÇÕES E/OU EXPECTATIVAS DA BB ASSET





BB ASSET MANAGEMENT

**Busque mais para
os seus investimentos**

www.bbasset.com.br

[Linkedin.com/showcase/bbasset](https://www.linkedin.com/showcase/bbasset)